



A MARCA DO MILAGRE

Rosa Maria Gonçalves

 **Atena**
Editora
Ano 2023

Rosa Maria Gonçalves
(Autora)

Isabela Gonçalves
(Organizadora)

Maria dos Anjos Gonçalves
Luiz Gonçalves
(Co-Autores)

Editora chefeProf^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira**Editora executiva**

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Camila Alves de Cremo

Ellen Andressa Kubisty

Luiza Alves Batista

Nataly Evilin Gayde

Thamires Camili Gayde

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2023 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2023 Os autores

Copyright da edição © 2023 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena

Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Linguística, Letras e Artes**Prof^a Dr^a Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais

Prof^a Dr^a Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de JaneiroProf^a Dr^a Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo

Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Diagramação: Nataly Evilin Gayde
Correção: Soellen de Britto
Indexação: Yaidy Paola Martinez
Revisão: Amanda Kelly da Costa Veiga
Autora: Rosa Maria Gonçalves

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

G635 Gonçalves, Rosa Maria
A marca do milagre / Rosa Maria Gonçalves, Maria dos
Anjos Gonçalves, Luiz Gonçalves; Isabela Gonçalves
(Organizadora). – Ponta Grossa - PR: Atena, 2023.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-2074-3

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.743231411>

1. Autobiografia. I. Gonçalves, Rosa Maria. II.
Gonçalves, Maria dos Anjos. III. Gonçalves, Luiz. IV.
Gonçalves, Isabela (Organizadora). V. Título.

CDD 808.06692

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DA AUTORA

A autora desta obra: 1. Atesta não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao texto publicado; 2. Declara que participou ativamente da construção do respectivo manuscrito, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do texto ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certifica que o texto publicado está completamente isento de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirma a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhece ter informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autoriza a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

Este trabalho é dedicado a você, família e amigos que contribuíram muito na minha caminhada, sem vocês eu nada seria.

Meu agradecimento a Deus, que nos criou e foi criativo nessa tarefa.

Uma mistura maluca de miscigenação que me define! Me fez digna, me fez sustento e me deu coragem para questionar as realidades e propor sempre um novo mundo de possibilidades e me reerguer sempre.

Eu me reinventar e ser até mesmo insistente em tentar superar cada queda. Tudo foi feito da insistência, perseverança!

Sim, por muitos momentos me sinto teimosa, insistente, relutando para não desistir e provar para o mundo e até para mim mesmo que eu vou conseguir!

As pessoas costumam dizer que uma mulher assim é guerreira, não me considero guerreira e não acho necessário romantizar.

Costumo dizer que me tornei a pessoa que eu mais temia: forte, dura realista para muitas coisas e também extremamente sensível à dor alheia. Cheguei a achar que me tornaria um monstro.

Uma vez li uma frase que me marcou muito onde dizia que até mesmo um monstro precisa de um coração batendo dentro de si! Hoje sei que não sou uma.

Quero dedicar também é em especial aos meus pais pelo exemplo de coragem, simplicidade, humildade em suas metas e com muito sacrifício criou e alimentou uma família no caminho da verdade, justiça, caráter, dignidade, fé, união.

Em memória a meu querido filho Augusto que partiu precocemente, tragicamente, mas, me deixou fontes para as minhas inspirações e para todos os momentos que eu pudesse passar. Uma criança incrível, muito evoluída que passou pela minha vida para me fazer forte, me fazer sensível, frágil, e independente! Ele me fez e me ensinou ser melhor como mulher, como pessoa e principalmente MÃE.

Em especial eu dedico com todo o meu amor e carinho á minha filha ISABELA, por ter me escolhido, por me fazer mãe mais uma vez. Ela é meu incentivo diário. Sou grata e pelo apoio de sempre por me fazer crescer e por me dar a vida no dia em que nasceu!

Sua escolha me deu a honra de ser muito melhor, ser mãe!

Cresce e enriquece os meus caminhos, minha companhia, meu Porto Seguro! É o amor inexplicável, amor afável, amor sublime, amor que se exprime. Em relação a ela, eu posso com toda certeza dizer que eu me transbordo de felicidade e contentamento com Deus pois, o ser mãe foi o seu maior, melhor é

Mais singelo invento!

Gratidão por cada momento, por cada obstáculo, só assim veio o crescimento, amadurecimento, discernimento para tanto.

Uma vez me perguntaram se eu era FLOR ou FORÇA! A partir dali eu passei a crer que Deus me desabrochava a cada amanhecer e ELE me fortalecia para provar seu grande AMOR e EXISTÊNCIA é que milagres existem sim.

Espero que você querido leitor (a) esteja disposto (a) a conhecer, viajar pela história da minha VIDA!

Me sinto imensamente privilegiada em torna a minha trajetória pública!

Aqui você irá encontrar uma história permeada de lutas, um verdadeiro interveio, lampejos, insistência, persistências, teimosia e até mesmo burrices, sim, eu fui muita burra (risos).

O importante de ter essa noção, é estar preparada para o novo, para recomeçar.

CAPÍTULO 1	1
VIDA DOS COAUTORES	
CAPÍTULO 2	4
INFÂNCIA	
CAPÍTULO 3	15
VIDA EM RONDÔNIA	
CAPÍTULO 4	21
O MÁRMORE DO CONVENTO COM O JOGO DO CONTENTE	
CAPÍTULO 5	24
A VOLTA PARA A FAMÍLIA	
CAPÍTULO 6	26
RECOMEÇAR	
CAPÍTULO 7	27
CASAMENTO/INDEFINIÇÃO	
CAPÍTULO 8	30
LEVA-SE TUDO	
CAPÍTULO 9	36
VIDA DE FAZ DE CONTA	
CAPÍTULO 10	39
LIBERDADE X PRISÃO	
CAPÍTULO 11	43
MUDANÇA, SINÔNIMO DE VIDA	
CAPÍTULO 12	45
HONRAR PAI E MÃE	
CAPÍTULO 13	48
VIVERIA COM ALGUÉM COMO VOCÊ?	

CAPÍTULO 14.....	50
LUTO	
CAPÍTULO 15.....	53
ILUSÃO, CURA, FELICIDADE	
CAPÍTULO 16.....	57
O SILÊNCIO DAS DORES GUARDADAS/APRENDIZADO	
CAPÍTULO 17.....	60
O AMOR QUE FAZ O GIRO VALER A PENA	
AGRADECIMENTOS	63
HOMENAGEM	65
ESPAÇO DO LEITOR	67

VIDA DOS COAUTORES

E então vamos lá!

Aqui começa a minha história!

SENTE-SE CONFORTAVELMENTE, COM UMA XÍCARA DE CHÁ, CAFÉ OU UMA GENEROSA TAÇA DE VINHO!

Essa é a minha história, me chamo Rosa Maria Gonçalves, tenho 47 anos, nascida em 15, de janeiro de 1975, na cidade de Curitiba, na maternidade Santa Brígida.

Aqui tem um pouco de mim, da minha luta, minha busca, transformações e superações.

A espera que me fez capaz!

O trajeto todo que fez superar tantos desafios, toda essa louca trajetória, acontecimentos da época em que nasci e cresci e da minha família.

Claro que minha história começa um jovem casal, humilde, sonhador que se conheceram no pequeno de distrito de Guaravera.

Meu pai coletando café, minha mãe indo levar almoço na roça para seus irmãos.

Ela sempre repetia com o olhar cheio de amor e orgulho, a forma como tudo aconteceu, o momento em que ela viu um rapaz alto, loiro dos olhos claros com um nariz avantajado, todo empoeirado de abanar café.

Não só a data, mas também o local ficou marcado, foi embaixo de uma figueira.

Um lugar que nunca saiu da minha mente.

Passei várias vezes por lá. (Guardo saudosa foto).

Hoje a figueira está em meio a uma imensa plantação de soja, mas está firme como há 54 anos atrás.

A árvore que tive a alegria de ver muitas vezes na ida para Guaravera na casa da vó Maria, na verdade, vó da prima Cris, mãe, da minha considerada segunda mãe, a querida tia Mada!

A vó Maria era um anjo, um serzinho muito bondoso, carinhosa, mística que estava sempre com um raminho na mão, um chazinho, café e o maravilho é inesquecível biscoito de polvilho.

A simplicidade sempre esteve presente naquele lugar...

Quando digo essa maravilhosa miscigenação porque meus pais eram um jovem casal, ele paulista de Lavínia São Paulo, descendente de italiano, espanhol e alemão. E ela

mineira de Itambacuri, descendente de português e índio.

Ele tinha apenas 19 anos e ela 16, se casaram em Guaravera em 24 de maio de 1969.

Em seis anos de casados eles tinham três filhos.

Meu pai sempre dizia que independente do lugar, idade, a humildade é saber onde você está agora e não passar por cima de ninguém para chegar onde quer,

Que a maior riqueza é o caráter, respeito.

Pena que nem sempre a humildade traz felicidade, bem-estar, vida sem sofrimento.

Claro que é uma das virtudes mais bonitas para seguir, mas, nem sempre traz uma vida feliz, fácil e leve.

Minha família também não era somente humildade, mas veio de uma rigorosa criação!

Sou a terceira em uma família de cinco filhos, sendo dois homens mais velhos e dois homens mais novos. Eu sou a do meio!

Há quem acha que fui mimada, protegida, paparicada por ser a única mulher.

Mas não, éramos tratados de igual, para igual cada um tinha seus afazeres, obrigações.

Desde 5 anos cada um já tinha suas tarefas diárias.

A década de 70 foi muito marcado, ficou conhecido como período de 1970 a 1973 o milagre econômico brasileiro, período de crescimento econômico elevado durante a ditadura militar brasileira, também foi conhecido como anos de chumbo.

Muito engraçado que nessa época existia um movimento hippie que foi extremamente popularizado graças ao festival de música de woodstock. O toque em 1969 era muito comum esse estilo de se vestir segundo a minha mãe.

Ela dizia que os jovens propagavam a paz, e amor. Logo as calças boca de sino, estampadas, batas, cabelos longos e barbas longas faziam parte daquele estilo da população da década de 1970.

Em julho de 1975 veio a geada negra! A qual praticamente queimou até a raiz as plantações e pastagens.

Ainda sobre a geada negra, essa devastou plantações de café do norte e nordeste do Paraná e obrigou as pessoas que viviam no campo a serem empurradas em direção à cidade.

Curitiba, que viu a neve cair no mês de julho de 1975 somava aproximadamente cerca de 650.000 habitantes, 80% da população foi completamente afetada.

Essa geada dizimou quase todas as lavouras do grão: norte do Paraná a geada negra.

A geada negra foi associada a baixa temperatura, ar seco, ventos moderados a forte que ocorreram no período de julho de 1975.

Na presença da geada negra, as plantas ficaram com aspecto escurecidos em função da queima dos seus tecidos.

Por algum tempo na minha infância recordo dos meus pais contando sobre esse ano o qual eu nasci onde a água congelava nas torneiras, as roupas nos varais e as fraldas dos baldes.

O nordeste do Paraná e obrigou as pessoas que viviam no campo a serem empurradas em direção à cidade, muitas mendigarem por empregos com ganho pouco, serviço praticamente escravo.

Com tudo isso, para o país a ocorrência do desemprego em oriundo da indústria de transformação.

Eu achava exagero ouvir que "o Paraná acabou" com o 18 de julho de 75. Mas, não era exagero. Foi o maior golpe na lavoura do País.

INFÂNCIA

Na minha infância sempre tive muita curiosidade em saber como era época, os dias, a cidade na qual eu nasci.

Me lembro que o meu pai falava sobre as mudanças, dificuldades. Foi um tempo de mudanças radicais.

Os pioneiros da cidade na época sofreram com tantos prejuízos.

Em 75 a possibilidade de que uma geada negra acontece no Brasil preocupava os agricultores naquela época. Mas, as informações meteorológicas não eram com tanta exatidão quanto nos dias de hoje. Não sem razão.

Nos anos 70 fenômeno similar castigou Paraná, dizimando quase que toda a produção de café no estado, principalmente produtos agrícolas na região na época.

Mudanças como as canaletas exclusivas a rua xv era a principal, antes era aberta para trânsito de carros e então ela virou um calçadão e passou a ser conhecida também como a rua das flores e aí foi quando também nasceu a cidade industrial onde começou a chegar grandes fábricas!

Os bairros mais antigos na região era São Francisco, abrangia também uma das mais antigas regiões fazendo divisas com os bairros como o Bom Retiro, o centro, Centro Cívico e o Mercês, Capão Raso, tinha também o portão.

Na década o Brasil foi governado por uma ditadora militar. A ditadura atingiu o auge da sua popularidade na década de 70. Com o "milagre brasileiro", no mesmo momento em que o regime censurava os meios de comunicação do país a tortura era a forma de extrair depoimentos de oposicionistas!"

Como sou uma pessoa que adora música e sou muito eclética, eu procurei saber a lista das músicas mais tocadas no ano em que nasci e fiquei muito surpresa:

a música moça do cantor wando,
Além do horizonte Roberto Carlos,
I'm not in love 10,
Paralelas Vanusa,
Like a locomotiva ler-te slide.

Eu sempre gostei de me inteirar sobre tradição, gostos e músicas.

A vida em Curitiba não era muito fácil, meu pai com muito sacrifício construir uma pequena residência para sairmos do aluguel, trabalhava duro, saía de madrugada de bicicleta com a marmita na garupa da bicicleta. Porém, esse ano não foi muito fácil, um temporal acabou destruindo a nossa pequena e humilde casa. Eu já com 4 anos.

E então, muito arrasado e desgostoso, meu pai acabou mudando para o interior do Paraná. Também devido à falta de emprego, dificuldade em Curitiba, eu já com quatro anos.

Meus pais acabaram indo morar em uma fazenda no município de Londrina, Guaravera.

Na década de 70 Guaravera era o segundo distrito mais populoso de Londrina, além de vinhos Guaravera era a trilhada pelo rio taquara e culturas de soja, milho e trigo.

Assim considerada a maior e a quarta maior em extensão, com aproximadamente 5 mil habitantes na época. Guaravera foi fundada em 1951 e ficar 45 km da cidade, a economia sustentada pelas culturas de soja, milho e trigo, leite. Um distrito extremamente campal, mas Guaravera também começou a abrigar vinícolas que produziam vinhos em escala industrial.

Meu pai e tios trabalhavam na fazenda, trabalho muito puxado de sol a sol.

Os domingos eram sempre marcados pela sagrada missa matinal, um ritual sagrado. Todos os domingos via a freiras vestidas de branco, hábito que cobria todo o corpo. Acho que ali começou o primeiro grande engano vocacional.

E, minha mãe dizia que eu seria freira, mas eu entedia enfermeira.

Após a missa passávamos na vendinha, a venda do Sr Albino. Meu pai comprava um doce para cada um e o meu preferido era o coração de abóbora!

Isso já me contentava, eu era uma criança muito simples em quantos meus irmãos esperneavam querendo algo mais!

Para mim chegava aquele simples doce de abóbora que parecia ser o meu sonho encantado.

Eu era uma criança que tentava o máximo, não dar trabalho para os meus pais, não dar preocupação, eu não questionava, eu só aceitava.

E para assim, os pais não terem ainda mais preocupações.

Eu achava tão pesada carga que eles tinham por que era trabalhar, sustentar os filhos, cuidar de quatro crianças em uma situação muito precária, não nos faltava nada, mas também não tínhamos luxo, e eu via que às vezes era preciso diminuir a quantidade na marmitta deles para sobrar mais para as crianças.

Aquilo já doía em mim.

Me recordo das festas que eu tinha nos finais de semana na praça principal de Guaravera.

Me lembro também sobre as festas anuais. Acredito que eu devo ter participado de umas três, mas aquilo era hilário, tinha parte roda gigante, tinha carrossel e parecia outro mundo, algo tipo surreal.

Eu não me recordo de muita coisa, lembro de apenas algumas mudanças e coisas que marcaram. Até meus 6 anos mudamos muito de casa, de cidade.

Ah, sim, me recordo também quando a minha mãe descobriu que estava grávida do

quarto filho.

Para nós criança tudo parecia ser uma aventura. Casa nova vizinhos novos fomos morar perto dos meus avós paternos, tinha tios adolescentes.

Lembro de uma cena, era sobre o meu pai, que voltava sempre a tarde cansado, suado, mas, com olhar carinhoso e acolhedor!

Eu admirava a atitude da minha mãe sempre esperando meu pai com o chinelo um copo de água e uma toalha para o banho, aquilo era sagrado!

Uma rotina da qual eu nunca me cansei, eu cresci vendo essa cena diariamente!

E então, quando a minha mãe descobriu que estava grávida do quarto filho não sabíamos o que era o bebê se era menino ou menina, naquela época não tinha essas modernidades de ultrassom para descobrir o sexo do bebê, então ficávamos na expectativa vendo amigos, familiares e vizinhos fazendo apostas. Na época as beatas faziam simpatias para descobrir o sexo do bebê e usavam critérios estranhos, como agulhas e linhas, mandava a grávida sentar-se em cima de uma almofada. Assim, cada uma dando o seu palpite. E como palpitavam! Époça das simpatias e crendices.

Eu ficava pensando como que o meu pai a minha mãe aguentavam tanta falação na cabeça, faz isso, faz aquilo. Afinal eram eles que iam ter um bebê. Não entendia por que as pessoas ficavam dando conselhos ensinando o que fazer, o que não fazer para um casal que já tinham três filhos.

Meus pais eram super experientes e lutavam dia a dia para ter o básico.

Engraçado, como que as pessoas estavam sempre questionando:

ah, você vai querer ter mais filhos?

Nossa, mas, você é tão nova e já tem três filhos, isso não te assusta?

Atualmente as coisas estão tão difíceis.

E um filho a mais só vai dar trabalho.

O mais engraçado que as pessoas que falavam isso normalmente tinha cinco, seis, dez filhos.

Eu não entendia e mesmo muito pequena eu ficava indignada como que poderiam ser tão palpiteiras.

Senhoras que não faltavam as missas e não faziam nada que dizia a palavra, os sermões.

Me recordo das fraldas branquinhas de tecido, minha mãe lavava na mão estendida no varal com uma barriga enorme já preparando enxoval do meu irmão, eu nem imaginava se era um menino, uma menina, porém eu já amava, na verdade, ele era meio que um alento para mim pois, eu sabia que daquele bebe eu não apanharia (risos) pois, é, eu apanhava dos dois irmãos mais velhos e apanhava também dos meus pais por causa deles que

aprontavam e corriam ou colocavam a culpa em mim.

Eles eram muito peraltas, coisas de meninos e ainda se juntavam aos primos, o que só aumentava minha pena de única menina.

Então, quando eu fiz quatro anos de idade nasceu finalmente o meu irmão, ele era muito fofo, na verdade, ele era quase do meu tamanho, era um super bebê de cinco quilos. E eu me lembro até hoje quando meu pai chegou na casa da minha vó e disse nasceu.

Eu me lembro, sim, que meu irmão mais velho perguntou ansiosamente: pai é homem ou mulher?

E por muito tempo aquela frase foi repetida várias e várias vezes como um tom de brincadeira e sarro pelos tios e avós.

Esse meu irmão era como um bebê bonecão, ele era muito lindo, muito fofo como as bochechas enormes, então minha mãe chamou de José Eduardo, aquele nome parecia ser nome de príncipe cai, então era onde eu passava a maior parte do tempo ao lado do berço, meu antigo berço!

Lembro que muitas pessoas perguntavam para minha mãe se eu tinha ciúmes do bebê porque eu tinha perdido o colo, tinha perdido meu berço, mas era muito pelo contrário, ele era uma riqueza, ele era um presente e eu via ele como a melhor coisa que poderia ter acontecido em nossas vidas.

Mas, era normal repassar roupas, berços, cama do filho maior para o menor.

Aquele lindo bebê chorava muito e com o tempo foi passando, chorou foi aumentando e alguns problemas de saúde, ele chorava, eu chorava, junto parecíamos que estávamos interligados, eu até achava realmente que ele era meu gêmeo.

Por um tempo ele teve milhares de furúnculos nas costas, desnecessário para um recém-nascido tão fofo.

Tempos muito difíceis.

Quanto aos meus irmãos mais velhos, eles brincavam na mina que tinha atrás de casa, faziam estripulias na horta da minha vó.

E eu ficava ao redor do meu irmãozinho, como poderia ser tão fofo eu não aguentava pegar no colo, ele realmente era muito grande, muito lindo!

Eu lembro que a casa acabou ficando pequena e meu irmão já com um ano, fomos morar numa das casas principais da fazenda na sede.

E era uma casa imensa, eu tinha um quarto somente para mim.

Mas, aquilo me aterrorizava porque o quarto era no final de um corredor imenso e tinha muitos insetos, inclusive aranhas caranguejeiras, aquelas que vem para a luta feita em pernas enormes e aquilo era assustador. E em uma manhã eu acordei e vi que uma estava em cima do meu edredom e eu comecei a gritar desesperadamente e minha mãe veio e não

sabia o que fazer, qualquer atitude ela poderia assustar aranha e ela me ferir ou pular, ou sei lá. Vai que de repente até sai voando! Disse meu irmão para tocar terror.

E os meus irmãos tocavam terror, tudo para eles acabava intensificando, eram com certeza recordistas em arte... (bagunça mesmo).

Mas, sempre amei meus irmãos com admiração. Claro sempre tem um com quem você se identifica mais, como eu dizia: meu irmão gêmeo.

A vida na roça há 45 anos era muito diferente, tempo em que às 11:00 horas todos se sentavam no chão ou sobre cascos de enxada e almoçava e perto das 14, 15 horas era o momento de tomar aquele café reforçado com pão caseiro, banana ou qualquer fruta da época e região. Até mesmo a sobra da marmitta do almoço.

O fogão a lenha, parece bom hoje, saborosa a comida, sim.

Mas, nada fácil para quem tinha que prover a lenha e lidar com a fumaça, lenha molhada. E a situação climatológica nem sempre ajudava.

Uma vida sem conforto e regalias.

Enfim, o que estava na roça se tivesse sobrado a marmitta do almoço, então era o lanche da tarde. Já às 6h00 da tarde ou quando o sol se escondesse no horizonte, era hora de voltar para casa.

A maior dificuldade era estar sempre sendo lembrado na prática que não tínhamos controle das coisas, que os imprevistos eram constante e que a natureza tinha um tempo e uma sabedoria e a gente não tinha como medir.

Lidávamos com muitas variáveis e responsabilidades.

Era como “equilibrar pratinhos” toda hora, todo dia, um malabarismo constante.

Eu muito pequena já percebia dificuldades que meus pais enfrentavam no dia dia não era fácil alimentar quatro crianças e o sistema não ajudava muito. Meus pais usavam todos os recursos que eles tinham, sempre era uma família, claro um casal unido, otimistas, muito atencioso e amoroso, devotos.

Quando falam assim: “morar no interior” acredita-se que a pessoa optou por privilégios e qualidade de vida longe da agitação das grandes cidades e capitais, é possível encontrar calma e ficar longe do estresse, você deixa de correr atrás, estou de ouvir o barulho dos carros e de se preocupar com a violência naquela época não era bem essa a situação, na verdade, morávamos no interior por ter sonhos de trabalhar na roça por ter um acesso mais fácil alguns alimentos por incrível que pareça a cidade era apenas uma selva de pedra visivelmente perigosa.

Acredito que morar no sítio acabava sendo mais seguro sim.

Principalmente para quem tinha filhos adolescentes, principalmente meninos.

Mas, também existia a grande preocupação das mães em relação a filhas.

Lembro-me que tinha um ditado que dizia:

prende suas cabras que meus bodes estão soltos.

O menino pode, a menina não. Desde então eu achava ridículo isso. Como que, o homem podia tudo era o ganhão e a mulher que era a errada, perdida.

Segundo meus pais, eu, era mais que uma sobrevivente, era a teimosa que mesmo com tantas dificuldades insistiu em vir ao mundo.

Meus pais sempre diziam que quando um filho nasce, todas as nossas perspectivas e planos são alterados em função dele.

E a nossa vida, felicidade, consiste basicamente em vê-lo feliz.

Como dizia minha saudosa mãe, nada parecia fácil.

Ela passava horas ajoelhada, penitências e mais penitências.

E meu pai lhe dava com a situação de cuidar, cuidar diariamente em prover as necessidades da família, o sustento e conforto para todos.

Tudo era tão simples, verdadeiro e intenso.

Em qualquer época, sempre foi possível se reorganizar, mudar as estratégias, claro que com extrema dificuldade, perdendo daqui e dali, mas enfim meu pai fazia tudo parecer seguro.

Eu sempre fui muito sensível a esses sacrifícios, principalmente dos meus pais.

Diziam que foi difícil ver os estragos, foi um desânimo, terror mesmo quanto a época.

Muitos chegaram a chorar, entrar em crise porque não sabiam o que fazer. Perderam colheitas toda, safra como aconteceu muito com café, animais.

Temporais, catástrofes climáticas com a de quando nasci que fez história e levou muitos a ruína.

Muitos foram ao extremo, a ponto dos agricultores, decidirem cortar todos os pés, e iniciar o replantio do zero.

Como eram pequenos agricultores, na época, era difícil pensar em “plantar outra coisa”.

Sempre foi sinistro pensar que “os termômetros registraram - 3,5° C no abrigo e - 9° C na relva. Um frio sem igual que queimou não apenas os cafezais do topo à raiz”.

A geada trouxe uma catástrofe para a economia nacional, não sobrou um único pé de café. Anos depois e ainda sofriam com a catástrofe.

E com muito sofrimento, dificuldades meus pais não desistiram de lutar e rezar e recomeçar.

Minha mãe era muito frágil, melindrosa, muitos problemas com as gestações. Segundo eles, no meu caso mesmo com orientação e encaminhamento médico para abortar a gravidez, sempre de risco. E eles preferiram acreditar em um milagre, éramos todos obra

de milagre, fé.

Sim, eu creio que sempre fui o milagre em vida.

Engraçado que nessa época não existia acesso fácil a tratamento de saúde, exames, ninguém ouvia falar em viroses.

Tomávamos água da chuva, rios, minas, usávamos a água da chuva para muitas funções como o banho de chuva, ninguém pegava doença e era um evento.

As pessoas eram simples, vestiam de uma forma comum, parecia até padrão.

A moda começou a mudar mesmo lá pelos meus 4, 5 anos. E as calças boca de sino, estampadas, batas e cabelos longos e barbas longas faziam parte daquele estilo da população da década.

Curitiba, que viu a neve cair no mês de julho de 1975 somava aproximadamente cerca de 650.000 habitantes, 80% da população foi completamente afetada.

Essa geada dizimou quase todas as lavouras do grão: Norte do Paraná a geada negra.

A geada negra foi associada a baixa temperatura, ar seco, ventos moderados a forte que ocorreram no período de julho de 1975.

Na presença da geada negra, as plantas ficaram com aspecto escurecidos em função da queima dos seus tecidos.

Por algum tempo na minha infância recordo-me dos meus pais contando sobre esse ano o qual eu nasci, onde a água congelava nas torneiras, as roupas nos varais e as fraldas dos baldes.

Na minha infância sempre tive muita curiosidade em saber como era época, os dias, a cidade na qual eu nasci.

Me lembro que o meu pai falava sobre as mudanças, dificuldades. Foi um tempo de mudanças radicais.

Os pioneiros da cidade na época sofreram com tantos prejuízos.

Nos anos 70, 80 fenômenos similares castigaram muito o Brasil, principalmente o estado Paraná, Rio Grande do Sul.

Meu pai dizia que toda a década o Brasil foi governado por uma ditadora militar. A ditadura atingiu o auge da sua popularidade na década de 70, com o milagre brasileiro, na mesma época em que o regime censurava todos os meios de comunicação do país e torturava e exilava.

Sempre me interessei por essas histórias da época.

Como, por exemplo, os noticiários marcantes, as tendências, brincadeiras, nessa época as crianças, adolescentes realmente sabiam o que realmente era brincar, ser livre.

Tudo muito simples, mas livres, inocentes.

Era comum brincar de bolinha de gude, amarelinha, bolinha de sabão.

Bastava uma vasilha com sabão e água, um canudinho de mamoneira, mamoeiro ou pedaço de mangueira. Brincadeiras como cantigas de roda, passa anel, roda de pião, pipa, pular corda.

A vida em Curitiba, Guaravera, Londrina ou qualquer outro lugar parecia ser luta atrás de luta.

Meu pai trabalhava em uma refinaria de óleo de soja.

E meu pai com muito sacrifício construir uma pequena residência, para sairmos do aluguel.

Esse trabalho era muito duro.

Ele saía de madrugada de bicicleta com a marmita na garupa da bicicleta.

Uma pequena e humilde casa, completamente afetada por mais um temporal que acabou destruindo a nossa humilde casa.

E a qualquer momento alguém podia puxar seu tapete, tudo era muito instável.

Então, muito arrasado e desgostoso, novamente nos mudamos,

Estar sempre em mudança era comum para nós.

Meus pais acabaram indo morar em outra fazenda, de volta na, verdade, de volta na região onde se conheceram.

Já na década de 80 Guaravera era o segundo distrito mais populoso de Londrina além de vinhos, Guaravera era a trilhada pelo rio taquara e culturas de soja, milho e trigo.

Assim considerada a maior e a quarto maior em extensão, com aproximadamente 5 mil habitantes na época. Guaravera foi fundada em 1951 e ficar 45 km da cidade, a economia sustentada pelas culturas de soja, milho e trigo, leite.

Um distrito extremamente campal, mas Guaravera também começou a abrigar vinícolas que produziam vinhos em escala industrial.

Sempre com aquele hábito saudável de domingo, família, macarronada com frango no almoço. Isso era considerado vacas gordas.

Na verdade, isso era festa, evento.

Eu era uma criança muito simples, em quanto meus irmãos esperneavam, pareciam estar sempre querendo algo a mais!

Eu era uma criança que tentava o máximo, não dar trabalho para meus pais.

Meu maior desempenho era dar não dar preocupação, eu não questionava. Só aceitava, para assim os pais não terem ainda mais preocupações, problemas, gastos.

Não nos faltava nada, mas, também não tínhamos luxo.

E eu via que às vezes era preciso diminuir a quantidade na marmita deles para sobrar mais para as crianças. Mas, penso que assim ainda assim, éramos felizes.

Em todas as comunidades que moravam tinham as festas anuais, o tríduo.

Acredito que eu devo ter participado de umas três vezes, mas aquilo era hilário! Tinha roda gigante, tinha carrossel e parecia ser outro mundo, algo tipo surreal.

Para nos crianças tudo parecia bonito, fácil, uma aventura, mas, a realidade era outra.

Até meus 6 anos mudamos muito de casa, de cidade, estado. Chegamos a ir até para o Paraguai.

Casa nova, escola nova, vizinhos novos.

Outra mudança, então fomos morar perto dos meus avós paternos, tinha tios adolescentes, os domingos a galera toda se reunia.

Almoço, futebol, truço, crianças para todo lado. Eu no meu canto, confesso que aquela algazarra me afetava um pouco, barulho, gritos, me dava um pouco de fobia e certamente eu teria pesadelo, sonambulismo a noite. Eu inclusive tinha medo de boneca.

Eu acordava sempre em pânico, aos gritos, suando mas, meu pai sempre era o porto seguro, com olhar carinhoso e acolhedor!

Eu admirava a atitude da minha mãe sempre esperando meu pai com o chinelo um copo de água e uma toalha para o banho, aquilo era sagrado!

Uma rotina da qual eu nunca me cansei de ver, eu cresci vendo essa cena diariamente, um casamento que durou mais que meio século.

Era mais viver todos juntos, juntos em tudo e para tudo. Era de perrengues financeiros, mas uma união forte, inabalável durante todos esses anos.

Imagino quantas coisas não viveram juntos, quantas coisas abriram mão.

Não entendia por que as pessoas ficavam dando conselhos ensinando o que fazer o que não fazer para um casal que já tinham três filhos.

Meus pais eram super experientes e lutavam todos os dias para ter o básico.

Em ruas de barro maior sacrifício para chegar à escola, igreja e pontos de amanhã os em dias de chuva para entrar tínhamos que raspar a lama dos sapatos nas raspadeiras.

Dias de sol era um banho na represa, comer frutas no pomar da fazenda.

E então eu fecho os olhos e sem mesmo precisar me concentrar já nas primeiras lembranças vem em mente minha infância. O que surge mais claramente são os momentos vividos a partir dos três anos, quatro anos dos 10 aos 12 quando fui para casa das freiras, antes disso a maioria das pessoas lembra-se apenas de alguns flashes de acontecimentos marcantes e às vezes nem isso, mas eu consigo ter certeza de tudo com muito esmero.

Hoje eu entendo que o desenvolvimento psico social cognitivo das conexões neurais com a consciência da existência de regras são os pontos mais relevantes exclusivos da primeira infância e fundamentais para formação da criança e do adulto em seu futuro.

Apesar de tantas dificuldades financeiras, tanta humildade de lembrar o quanto os meus pais sofriam. Eu, sinto saudades do que a infância representava pais, avós, escola, amigos, alguns, seus brinquedos feitos com o que tínhamos uma vida sem preocupações de adultos, a comida era simples, mas com o melhor sabor, comíamos de tudo, sem mimis.

Comíamos o que tínhamos.

Não era nada fácil usar o fogão e lenha, manter uma linha boa seca não era agradável para quem tinha que rachar lenha a lenha úmida, fazer uma fumaceira a situação climatológica nem sempre ajudava.

Principalmente no período de chuva em Rondônia que eram meses.

Meus pais deram melhor dentro das possibilidades que tinham, e também nos educava da forma com eles também foram educados. Se para nas décadas de 70, 80 não era fácil, imagina para eles na década de 50, uma vida sem conforto e regalias.

Já os jovens dos anos 80, 90 se tornavam mais sutis e desgarrados.

As festas ao ar livre, rock onde se rastejava vida, alternativo, amor, sexo, drogas e rock in rol.

Lembro que nessa época parecia que os professores precisavam ser treinados para exercer sua profissão, a todo custo existia um grande autoritarismo, essa época poucas pessoas consigam se formar, concluir estudos, fazer faculdade. As aulas aconteciam dentro de salas paroquiais, salas improvisadas e até mesmo em espaços fechados com pouca iluminação, circulação de ar, carteira simples, improvisadas, condições reduzidas.

Aprendíamos a ler, escrever, noções de aritmética, canto e era um ensino que pelo que me lembro estritamente cristão, mas parecia atender as expectativas da sociedade naquela época.

As manhãs eram regadas a chá, leite para os pequenos e até mesmo café com farinha de mandioca e açúcar. Era ótimo, acredite, aquilo me fazia feliz, não tínhamos frescuras, em não comer isso ou não comer aquilo, éramos bons de garfo, comemos o que tinha, o que preocupava muito os meus pais, mas a educação e a simplicidade que eles tinham, passava para nós diariamente que o importante era ser e não ter. Ser uma pessoa bondosa, carinhosa, companheira e amiga.

Aquilo que recebemos todos os dias. Eu continuava muito curiosa, extremamente quieta, isso fez com que eu me interessar-se pela escrita, tudo o que era letra me fascinava, me apaixonei pelos livros, o que foi bom, pois aprendi a ler com quatro anos, então acabou de certa forma inocência quando você ler você sai do seu mundinho e passa a ver tudo com outros olhos nada mais ficar às escuras escondidos. A leitura abre mente, caminho, imaginação.

Minha mãe era muito severa, muito exigente, ótima de mira, hehehe!

Com ela, fazer algo errado, a mira dela era certa com um chinelo, ou qualquer outro objeto na mão, mas também amável, atenciosa, sábia.

Os problemas eram muitos, mas minha mãe era consagrada e nos consagrava. Tinha uma fé inabalável e uma devoção. Ela sempre recorria a nossa senhora, com especial amor e o seu filho, confiando-lhe toda nossa vida e agindo de maneira coerente com isso.

Os filhos estavam sob responsabilidade de proteção das mães, essas donas de casa. Assim éramos educados, socializados e aprendemos a conviver com a dignidade, honestidade. Conduzidos de forma humilde.

Mudamos tantas vezes, e com o passar do tempo as coisas iam se ajustando!

Meu pai não parava um só momento, ele era zeloso com a família e minha mãe zelosa com ele. Podíamos faltar recursos, mas o amor, cumplicidade dos dois não faltava. Minha mãe sempre muito devota religiosa rigorosamente nunca desistir de ir, descreditava de que um dia ganharíamos dinheiro e melhorariamos vida!

Tenho certeza que a fé dos dois nos mantinha vivos! A fé nos ajudou passar por momentos difíceis e pelas circunstâncias penosas.

Eram muitas barreiras, provações. Nunca me esqueço de que os familiares de primeiro grau com condições boas de vida com possibilidades de ajudar a facilitar a vida profissional e financeira dos meus pais nada faziam, na verdade, só exploravam mais e aí mais um desemprego.

Eu já percebia quanta maldade abuso existindo as pessoas, inclusive um tio meu convencer meu pai ir para Rondônia, e simplesmente enganou meu pai e além de ficar devendo o valor referente a uma casa na época, meu pai teve sempre o caráter incrível, pena que as pessoas não agiam da mesma forma nunca cobrou esse meu tio que agora é convertido, (encontrou Jesus), e eu nem sabia que Jesus estava se perdido, hehe!

E então eu me esforçava o máximo em aprender a ler e a escrever cartas para o Silvio Santos, programa porta da esperança para ajudar meus pais, a realizar o sonho de minha mãe: "a ter um dinheiro meu para sair dessa vida".

Já nos anos 80 os pais começavam o fervor, com inovações. Obras de infraestrutura e foi uma época em que parece que o país mais cresceu, também economicamente.

Tinha mais liberdade de expressão, tanto é que nessa época foram editados os maiores livros comunistas do país.

Acredito que muito incômodo, e ainda hoje eles estão nos incomodando.

O bom mesmo dessa época era onde todos eram educados, nenhum desrespeito, principalmente aos mais velhos.

Todos eram pontuais, o jeito brasileiro era bom.

VIDA EM RONDÔNIA

Em 1993 fomos de Foz do Iguaçu para Rondônia. O boato de que o Incra estava loteando hectares cresceu os olhos de muitos e meu pai resolveu arriscar tudo!

Foram 6 dias e 6 noites, do mato-grosso para frente não tinha asfalto, só areião e mato. O ônibus a todo momento atolava, descíamos todos, homem e meninos empurravam.

Finalmente chegamos a Cacoal, e meu pai sem parentes próximo, abrigo, um destino certo somente

Cara, coragem e 4 filhos mas, nunca nos faltou coragem, força de vontade! De Cacoal fomos para Rolim de Moura, fomos de balsa!

Meu pai trabalhava no que aparecia, rede de saneamento, construção do primeiro Banco, o Banco do Beron.

Ele fez inscrição no Incra e nada, só promessas, pareciam promessas em vão!

Ele não desistia, junto com um irmão dele, compraram a muito custo um terreno, mas em poucos dias os grileiros invadiram! Tiveram que abandonar, época difícil de grilagem, poceiros, jagunços! Era cair fora ou morrer.

Então minha mãe com muitos problemas de saúde descobriu-se grávida do quinto filho!

Ficou ainda mais difícil, tratamento

Médico, acesso a consultas, medicações parecia impossível. Minha mãe muito magra, debilitada, tinha problemas de saúde que os médicos da época não tinha conhecimento.

Após o nascimento mudamos de Rolim para a linha 41, município de Pimenta Bueno.

Meu Pai foi cultivar café.

Mas, para variar a exploração era absurda, o dono do lote acabava explorando, sugando a todos e não cumprida o combinado.

Tudo era acordado de boca.

Nada era registrado, lavrado.

O serviço praticamente escravo, acontecia muitas vezes de pessoas de sair da fazenda sem um centavo.

O empregado sempre saía perdendo.

Meu irmão caçula já com um aninho então, nos mudamos para primavera, um vilarejo também pertencente a Pimenta Bueno.

Nada fácil, meu avô paterno e dois tios também saíram do Paraná para morar em Primavera.

Mais dois anos ali! Meu...

Meu pai trabalhava duro como pedreiro e então veio a “feliz” notícia de que sairia em breve que sairiam os 32 hectares de terra do Incra.

Parecia ser o sonho maior do mundo.

Mas, a distância era imensa, 30 quilômetros de distância do vilarejo, 50 quilômetros da cidade.

Não podia deixar as terras já demarcadas sozinhas devido o perigo de invasão!

Bora todo mundo para o mato.

Sim, mata fechada com todo tipo, espécies de animais e insetos selvagens!

Em Rondônia o inverno era chuva, 6 meses de chuva intensa e 6 de sol. Chegando a 40 grau de temperatura. A roupa parecia cozinhar no varal. Saia fumaça da roupa, o mormaço era grande.

Bom, terra no nome, documento na mão.

Mas, é a família?

Tínhamos que ir junto, claro!

Mata fechada, bichos selvagens desconhecidos.

E fomos mato fechado adentro!

A família estando lá o risco de perder era menor, mas o risco de vida era total de vida.

Eram doenças, grileiros, jagunços, tudo era possível.

Como já citado, grileiro é um proprietário privado que se apossa das terras devolutas (terras públicas sem destinação) e/ou de terras de terceiros. Esta apropriação envolvia assassinatos, a criação de documentos falsos, de onde provém o termo grilagem, já que os documentos eram engavetados com grilos para dar uma aparência de antigos.

A grilagem nem sempre envolve apenas criminosos convencionais, em muitos casos os grileiros contam com a conveniência e até o apoio de pessoas influentes, autoridades e outros.

Eu demorei muito para entender que chega uma altura da nossa vida em que nos precisamos deixar ir.

Que sentimos as forças fugirem e uma vontade tremenda de abandonar a nossa luta e de nos deixarmos cair no chão.

Por inúmeras vezes me vi nessa situação.

Talvez todos nós já tenhamos passado por isso, cada um carrega a sua luta, sua história.

No entanto, mesmo que não percebamos, mesmo que não pareça, tudo acontece por um motivo: tudo tem um ciclo e temos de saber quando o fechar.

Nada é por acaso!

Desde a infância eu vivi muitos medos, traumas!

Por muito tempo,

AS MEMÓRIAS MAIS DOLOROSAS, CONSCIENTES E INCONSCIENTES, ME

IMPEDIRAM DE ALCANÇAR A VIDA DOS PLANOS, SONHOS.

Coisas como relacionamento, profissão!

Nessa ida para Rondônia minha mãe estava grávida do quinto filho, o rapinha do tacho, como diziam.

Um irmão rondoniense!

Ele nasceu em Rolim de Moura!

O caçula também foi mato adentro!

Junto, meu pai levou uma cabra, era a fonte de leite! Mas, era o mais mimados, paparicado Em 1985, Rondônia alcançava seu primeiro milhão de habitantes e atualmente sua população supera 1,7 milhão. É considerado o Estado que mais cresce no País. Tem taxas superiores à média nacional e sua base econômica se destacando cada vez mais.

E nós morávamos em casa de pau a pique, meu pai caçava, pescava e abria braçal, bravamente 2 hectares de terra para plantar café, fazer horta.

O tempo foi passando e começou a produção de alguns alimentos como arroz, feijão, milho, criação de porquinho, galinhas, cabritos, 2 vacas, uma égua.

Já tínhamos 2 anos na Linha FA 01.

Tudo parecia fluir, veio a plantação de cacau, o primeiro anos de colheita!

Na região já não tinha mais escolha para nos, era só até a 4 série.

Então começou a ir para a região, os missionários, padre, freiras da congregação FILHAS DE SÃO JOSÉ.

Eles sempre passavam em casa, saiam carregados de frutas, verduras, legumes, já tínhamos graças ao esforço do meu pai.

Nesse tempo meu pai além da cabra já tentava trazer para o lote aves, porcos, lentamente como muito sacrifício insistia em abrir a mata para cultivar.

Após essa, fase já de volta no sítio, para meu desespero veio a ideia de minha mãe, de me colocar no convento. Morar com as freiras!

A idéia era que, seria mais seguro, eu teria a oportunidade de estudar, eu não estaria em meio a meninos, homens!

Na verdade, eu era a única mulher, única sobrinha, prima, e pelo que me lembro, com a visão da maldade que tenho e lembranças eu estava a beira de sofrer abuso. Eram roçadores, colheitadores, pessoal do Incra, emater, vizinhos, primos, irmãos. Como dizia minha mãe, muitas pessoas, homens, moleques.

Aos olhos de minha mãe, todos eram suspeitos!

Por anos (10 anos) no convento eu vivi me perguntando o porquê?!?!

Ressentimento, magoa, tristeza profunda, sentimento de abandono?!?!

Eu não estudei esse ano, as irmãs acharam melhor não fazer o ano letivos, mas eu

tinha afazeres das 5:00 horas da manhã as 22 horas.

Sinceramente eu suplicava pela vida na roça, chorava em silêncio todas as noites! Só meu travesseiro para suportar tanto choro.

As crianças eram vestidas como mini adultos.

Tudo parecia ocasionar punição.

Por muitas vezes eu pensava em fugir. Tinha conforto sim, a comida era controlada assim como tudo. Na minha pobre casa o banho era a vontade, desde que você tomava no rio ou tirava do poço!

Chegamos a ter colchão de palha, para nos crianças era bom.

Já na casa das irmãs (freiras) era no máximo o tempo de lavar o cabelo. Tinha que lavar todos os dias, pois o calor era escaldante. Pimenta Bueno chegava a 42° graus, sensação térmica de 50°.

Tínhamos hora para tudo, era uma comunidade pequena com 5 freiras, 2 aspirantes, 2 juvenistas e eu!

A infância não parecia ser valorizada, tudo era passagem, ciclos curtos, rápidos.

Parecia que se fazia um mínimo de investimento possível, principalmente afetivo.

Na época não existia tanta liberdade, intimidade com os mais velhos, mas o respeito, era amor, obediência era grande.

Já hoje, a busca pelo novo, pela exploração, pelo lúdico, pela alegria, pelo afeto, proteção, investigação.

Todas adultas com mais de 25, 30, 35, 50 anos. Só eu que era uma criança. Muitas vezes dormia de tanto chorar, de cansaço, dor nas pernas (desde muito pequena sofria com isso). Mas, ninguém acreditava, achavam que era manha, preguiça, eu fazendo corpo mole para não trabalhar!

Morria de saudade da minha família, lá também o trabalho era puxado, mas estar em casa por mais simples, humilde ainda era meu paraíso.

De início eu era levada para cada de 15 em 15 dias. E depois essa frequência foi diminuindo.

Minha mãe sempre se queixando, ela tinha um quadro depressivo muito grande.

Em uma dessas idas para casa, um fim de semana, fomos ao patrimônio mais perto.

Não tínhamos saneamento básico, nem um tipo de assistência à saúde.

Tudo era muito distante e sempre dependendo de caminhões que passavam por ali, ou para sair dali era em carroças.

Ah, lembrei-me que nos meus 9 anos, enquanto íamos de primavera para a linha FA 01 tombou a carroça do seu Bia.

Um senhor muito humilde também que fazia frete.

Estávamos em três filhos, os menores, pai e Mãe.

Muito assustador, meu pai teve uma entorse grande na perna enquanto tentava segurar o peso da carroça para não nos esmagar.

Minha mãe machucou o rosto, e o incrível que com o nariz todo ralado ela ria e chorava ao mesmo tempo.

Meu irmão caçula foi para em uma poça d'água juntos com os pães e feijão que minha mãe levava para comemos na entrada da mata.

Uma cena sem explicação!

Então, o problema de saúde de minha mãe foi agravando e tivemos que nos mudar de novo.

Meu pai vendeu tudo a preço de banana, tudo parecia cada vez mais difícil em relação à saúde de todos.

Mas o tão sonhado sítio tinha que ser vendido!

E foi doloroso, mas, necessário.

Meu pai e meus irmãos mais velhos já estavam cansados.

Eles abriram 8 hectares no Machado.

Lá na casa das freiras não era muito diferente. Eu trabalhava muito, às vezes achava que não suportaria tantas tarefas. Eu sentia dores imensuráveis nas pernas e intestino. Mas, nem mesmo sabia explicar o que era dor, é isso soava como mentira, invenção, preguiça. Desde adolescente eu sentia isso. Tinha essa sensação em não dominar o corpo, aquela dor intensa devido o excesso de trabalho. Eu fazia de tudo um pouco nas dependências do internato.

Desde rachar lenha, limpeza em geral, trabalhar na horta, roça, esfregar chão de tacos de madeira e envernizar. Colhia milho, feijão, frutas. Só então mais tarde, na verdade, com 24 anos eu fui diagnosticada com síndrome do intestino irritável, que infelizmente teve complicações e desenvolveu uma retocolite ulcerativa inespecífica, e fibromialgia, talassemia.

Eu ainda sonhava muito, mas tive que me tocar que não criar expectativas era uma roubada. É pior, tive que aprender a lidar com isso. É praticamente impossível, mas extremamente necessário.

Um dia eu li essa frase e me chamou a atenção: “Quem tem coragem de fazer o bem, tem que ter sabedoria de suportar a ingratidão”.

E aprender que nem todo mundo tem o mesmo coração que você, é um dos principais passos para evitar a frustração. É que o excesso de expectativas é o caminho mais curto para a frustração não me recordo onde, mas me fez refletir e tomei para a vida.

Fomos então para Londrina onde ficamos 15 dias entre a casa de meus avós paternos e uma tia muito querida que morava em Guaravera! Foi o máximo, me divertia muito com minha priminha, a Cris! Como era bom estar ali! Uma recordação incrível de infância!

Ela era uma fofura, minha boneca viva! Minha prima era uma fofa!

Era paixão a primeira vista, uma parte boa da infância para se lembrar. Muito magrinha, pequena, serelepe.

Quem diria que depois seríamos vizinhas e nossas filhas brincariam juntas.

Infelizmente não deu certo em Londrina no final de 1988. E meu pai não conseguiu emprego e então fomos para Porto Alegre, na verdade, Guaíba, onde moravam meus avós maternos!

Me recordo que a viagem foi exatamente no dia do meu aniversário!

Em 1989 chegamos no Sul. Mas, não fiquei com minha família, fui diretamente para o convento Colégio Bom Jesus Sevigné, administrado pelas Irmãs de São José! Mas, era um convento com irmãs mais idosas, uma casa de repouso. O colégio de ensino particular, era misto, aberto a comunidade.

Não fiquei muito tempo ali, de janeiro a março.

Então, em 05 de março, fui transferida para Veranópolis, começava o ano letivo.

Foram os 160 km mais longos da minha vida. Fui com uma freira, eu chorei a viagem inteira. Em uma das paradas a Madre desceu para ir ao banheiro e então foi ainda mais difícil conter meu choro.

O que comoveu uma senhora que se sentava ao lado. Então ela disse, não chore, faça o jogo do contente e me entregou 2 livros!

Eu pensei, como alguém que nem sabia o qual estava acontecendo poderia me dar dois presentes. Eram dois livros, POLIANA (Pollyanna é um livro de Eleanor H. Porter, publicado em 1913 e considerado um clássico da literatura infantojuvenil. O livro fez muito sucesso, até que a autora publicou, em 1915, uma continuação chamada Pollyanna Grows Up) e o PEQUENO PRÍNCIPE (Antoine de Saint-Exupéry)

O MÁRMORE DO CONVENTO COM O JOGO DO CONTENTE

E, então eu mergulhei de cabeça na leitura até chegarmos no Colégio Regina Coeli.

Passaram por lá muitas, meninas, muitas irmãs e eu fui ficando! Nos meus 14 anos chegou um grupo novo de meninas, umas simpáticas, extrovertidas, e outras mais difíceis de lidar. O tempo passava, ano pós-ano.

Então, anos depois conheci a Foss. Completamente extrovertida, parecia ter saído do livro de Antonie de Saint.

Era divertida e fazia com que eu não temesse tanto as freiras, em especial a madre de formação das juvenistas e a madre superiora. Ela me ajudava com o receio, medo que eu tinha das superiores! Com meus medos e eu a ajudava com os trabalhos manuais. Ela era muito desastrada, uma figura. A gente se entendia, nos dávamos bem.

Os trabalho manuais, na colônia como se diz na região, o trabalho na chácara era todo nosso. Tudo era enorme, pesado, cansativo. Aos domingos tínhamos um laser como vôlei, caminhadas, leitura, assistir filme em fitas vhs, ou piquenique. Televisão era apenas aos domingos, às vezes assistíamos MacGyver, fantástico ou porta da esperança Silvio Santos.

As músicas em geral eram proibidas, mas às vezes ouvíamos João mineiro e marciano, Leandro e Leonardo, os inesquecíveis de rodete, Tina túnel, Roupa nova, Whitney Houston, Madona, Prince, A-há. Cheguei a ficar de castigo porque ganhei um wallkman e uma fita com músicas bem diversificadas. wallkman era um aparelho portátil dos anos 80 e 90 no qual se colocava fita cassete para escutar música e também ouvir as estações de rádio

Dias de semana eu levantava às 5 da manhã para fazer café, preparar o refeitório para todas. Como meus pais não tinham condições de pagar 3 salários referente a estadia anual, eu trabalhava paga tal.

Na época eu comecei a fazer trabalhos extra para em professora e ela me pagava R\$ 5,00 para me ajudar. Então ela abriu um conta na caixa econômica em meu nome, era uma pequena poupança. Na verdade, um verdadeiro presente, alento.

E depositava todos os meses esse valor, o que me ajudava muito.

Eu cresci vendo meus pais somente uma vez ao ano.

A outras juvenistas sempre iam para casa nos feriados e férias coletivas pois moravam mais perto, muitas tinham melhor condição financeira. E por incrível que pareça, até meu 13 anos eu via nitidamente o tratamento ser de acordo com sua condição financeira.

Nas férias, feriados, eu ficava trabalhando e dormindo sozinha no quinto andar, em

um dormitório enorme, com camas antigas da década de 40.

Lá nada era novo, louça muito antiga, roupas de cama, mas extremamente conservada e tudo muito organizado.

O tempo foi passando e devido às condições financeiras e a saúde da minha mãe nos víamos cada vez menos. Já nos meus 15, 16 anos comecei a deixar de ser tão retardada como diziam as irmãs italianas até chegar nessa idade levei muitos beliscões, tapas, puxões de cabelo, muito castigo devido à minha burrice a minha humildade fiquei muito de castigo, mas achava injusto, porque eu nem sabia, o porquê de estar ficando de castigo e o porquê das punições.

Claro que eu não contava para os meus pais, não tinha como contar. Os contatos eram por cartas ou ligação. Tinha o direito apenas de uma ligação por mês. Mas sempre tinha uma freira junto e por carta não tinha privacidade, pois é carta tinha que ser entregue para a madre aberta, ela selava e às vezes minhas cartas chegavam abertas.

As conversas particulares com a freira responsável era sempre uma tortura e às vezes desejava a morte que aquela aquele constante interrogatório tortura a cada 15 dias.

Eu era sempre aqui ficava por último, a que não cabia na combi na hora dos passeios, a combi era o veículo usado na época.

Eu era aqui tinha pior condição financeira. Nunca tinha vergonha disso, pelo contrário eu valorizava muito qualquer coisa por mais simples que fosse, sem poder aquisitivo.

Eu não entendia porque o órgão de caridade, ajudava as pessoas da comunidade, mas não ajudava quem estava próximo, poder aquisitivo, sobrenome contava muito.

Em Veranópolis as coisas eram um pouco melhor melhores, as noviças sentavam à mesa com as irmãs, comíamos todas juntas no mesmo horário.

A comida, sim, era a melhor, mas eu não tinha roupas adequadas para o inverno do Sul.

Do extremo calor de Rondônia para 0.º na serra gaúcha muito difícil.

E então fui percebendo coisas situações que me assustava flertes, encontros, folgas e por eu ser a boba da turma, algumas pessoas me usavam como álibi, se é que me entende!

Não esqueço que em uma época, até mesmo os alimentos eram conforme a sua situação financeira.

Assim como aconteceu com uma das noviças em Pimenta Bueno, fugir com o padre e no sul também viu mesmo se repetir. Pois é por anos eu tive que engolir isso, quem ia acreditar?

Quando os pais vinham visitar, comíamos bem, passeávamos e éramos instruídas a sorrir e representar o melhor.

Não podíamos olhar para o lado na missa rua porque depois vim interrogatório das

freiras e assim seguia todo começo de ano, mas meninas nova e eu ia ficando embora, outros chegavam, mas eu continuava me sentindo só.

Então no início do ano, em 92, eu fico sabendo e descubro que meus pais mudaram para Londrina, a mãe me contou da forma mais fria, como que uma punição manipulação.

Elas demoravam dias para me dar o recado porque era época de férias do colégio, época de colheita na colônia e se ela me contasse eu ficaria triste, deprimida e não renderia nos trabalhos na colônia ou nos afazeres internos.

Aquilo me despedaçou.

Mas, sabendo que não tinha vocação, só estava ali para fazer a vontade dos meus pais e pelos estudos.

Eu seguia para não contrariar meus pais, eu ainda tinha um tempo pela frente.

Apesar de ser muito católica, devota, eu sabia que estava vivendo em meio a algo do tipo:

FAÇA O QUE FALO E NÃO FAÇA O QUE EU FAÇO!

Eram tantas regras, normas até mesmo estapafúrdias, punições que não faziam sentido. Enfim, fui educada a obedecer, respeitar os mais velhos. Apesar de tudo, eu não reclamava de nada para meus pais.

Eu queria aprovação, ser boa, não dar trabalho, preocupação.

Só 20 anos depois, eu percebi que só queria ser orgulho. E querer ser a melhor criança, melhor adolescente, ser elogiada, por nunca ter dado trabalho e crescer com ansiedade, com medo de incomodar.

Se eu questionasse qualquer atitude de alguém, comportamento a superiora dizia: **VOCÊ ESTÁ FICANDO LOUCA?**

Você sonhou isso!

O melhor era não falar nada a ninguém porque sua situação ficará complicada e seus pais estão a 1200 quilômetros daqui.

Nunca me esqueci dessa frase!

Eu me embriagava na leitura!

Então eu viciada em livros comecei a ler romances escondidos.

Ah, li Ane Frank, e livros pesquisas me abriram os olhos de quantas vezes, desde meu 10 anos tentaram abusar de mim.

Aos 14 anos, por exemplo, eu não sabia se quer o que era ser mocinha. O que era regras!

Era assim que falavam.

Mas poucas vezes que falava com meus pais (sempre supervisionada).

Eu sabia que meu pai trabalhava no que aparecia, a vida em Londrina também não estava fácil.

A VOLTA PARA A FAMÍLIA

Então eu decidi voltar para casa! Precisava cuidar de mim e dos meus.

Eu chorava só de imaginar, e ainda me recordava de que mesmo chegando em casa sujo, empoeirado, acabado de cansado, dizia: amanhã será ainda melhor que hoje.

O amor pela minha família distante era o que me fortalecia.

O tempo passou assim como várias meninas passaram pelo juvenato! E então em 1993 eu resolvi por conta sair.

Achei em desses folhetinhos:

ALISTE-SE NO EXÉRCITO, MARINHA OU A AERONÁUTICA.

Me alistei, claro que por correspondência. E para pegar apostilas, carteirinha eu usava o endereço de uma amiga de sala de aula.

Fiz todos os estudos, parte teórica.

A prática seria em Porto Alegre, Londrina, São Paulo ou Rio de Janeiro.

Claro que optei por Londrina e era assim que a suposta LIBERDADE viria.

Um grande terremoto surgiu na minha vida!

De volta para casa onde eu era uma vista há anos.

Meus irmãos já grandes, os dois mais velhos já casados e morando na capital gaúcha.

Voltando para a sociedade, parecia estar em um mundo, planeta extremamente estranho.

Começaram os conflitos, fofocas e todo tipo de preconceito pelos parentes, vizinhos, na igreja, a SOCIEDADE num todo.

Muitos palpitesiros!

Por que não casou ainda? Nossa, você é lésbica?

E em casa eu só saía para a igreja, trabalhar, faculdade e algum outro lugar com a família.

Nunca sai sozinha!

Minha mãe queria que eu voltasse para o convento.

Mas, eu não tinha vocação. E então eu sem conhecer ninguém e nunca tinha estado com um homem, nunca tinha tido um amigo se quiser. Resolvi casar com o primeiro que aparecesse. E não demorou nada para aparecer.

Era um instrutor de TKD. Meus dois irmãos mais novos haviam começado fazer taekwondo. Em um certo dia ele foi levar meu irmão em casa, me olhou. Dia seguinte foi falar com meu pai. Eu não estava perto. Naquela época, se chegava visita, íamos para o quarto; não participávamos de conversa dos mais velhos, principalmente quando eram homens.

Se fossem comadres, então, melhor nem passar perto, as caras e bocas das mães

eram de mais.

Só sei que após os dois conversarem meu pai me chamou, falou sobre a intenção do moço, e se eu aceitava namorar.

No momento em que eu estava, parecia ser a melhor saída. Logo pensei, que eu ia sair, passear, ir a uma sorveteria, cinema, conhecer pessoas novas e esse era o meu desejo, minha expectativa, ter liberdade e continuar na aeronáutica, poder exercer o meu sonho de ser comandante de bordo.

Era conflitante porque era um homem que morava sozinho e só depois vimos, soubemos disso.

Ele era 10 anos mais velho, professor artes marciais, já tinha namorado muito, morado dois anos com uma pessoa.

Claro, para cativar nos mostramos o nosso melhor. Ninguém vai a uma entrevista de emprego de qualquer jeito e falar realmente tudo que é, como que é, não falamos o que fazemos, já vivemos. Ele parecia ser um bom partido, parecia ser respeitador e prometeu ser o "cara".

Pensei ser o fim da minha clausura.

Eu estava apaixonada, sim, pela ideia de viver um romance, de me apaixonar por alguém que estava gostando de mim e que parecia gostar de mim como eu era.

Até porque nessas alturas os sentimentos da noiva sobre casar, casamento não era relevante, não era levado em consideração, era casar ou convento.

Era possível ser feliz em um casamento, onde os noivos nunca tinham ficado sozinhos antes?

Somente a minha melhor amiga sabia disso.

Mas, acredito que na inocência ela não se deu conta da real situação.

Na verdade, a união não foi acordada pelas famílias eu nem conhecia os pais do noivo. Foi acordada pelo noivo e pelos meus pais.

Claro que contra a vontade de minha mãe, ela não queria que eu casasse, queria que eu fosse freira, E não era simplesmente porque ele era mais velho, porque ele era cheio de problemas e defeitos, boêmio, homem da noite, namorado, paquerador..., etc.

RECOMEÇAR

Em três meses namoramos, noivamos e casamos. Começamos a namorar em novembro 06/11/1995 e casamos em 10/02/1996. Eu extremamente ingênua, sem saber exatamente nada da vida sexual, conjugal. E o triste que as más línguas juravam que eu não casei virgem.

Arrependimento, deveria não ter dado importância a isso. Priorizei muito algo que de nada adiantou. E no mundo que eu vivia, ou era abuso, ou, seria outra coisa também desconfortante.

Para mim, em todos os sentidos, manter a virgindade era estapafúrdio.

Muita maldade, muitos boatos, preconceito, tabus, preceitos, casei, sim, por casar.

Muitos diziam até que eu estava casando grávida, antes estivesse.

Mas, por mim eu namoraria anos e de repente ter até a vários.

As fofocas não paravam e meus pais pressionavam para um matrimônio breve, e foi isso que acelerou mais ainda a cerimônia.

Não casei por amor, mas acreditava que o amor viria com o tempo, com a dedicação, doação, viria com o tempo. Eu me dedicava ao máximo, sagradamente.

Só Deus sabe o que eu passei!

O que parecia ser conto de fadas começou e desmoronar com uma semana quando a ex mulher dele, bateu a porta.

Sim, ele morou dois anos com uma mulher.

Uma pessoa com uma criança carregando um menino de dois anos eu a recebi e sem ação esperamos ele chegar. Foi horrível, deprimente.

Mas, como fui criada e orientada pela família que o casamento era para toda a vida, é que você tinha que servir o marido, ser dedicada, excelente dona de casa, e que se você não der o máximo de si ele vai buscar na rua.

Hoje digo, você pode ser perfeita (o), a pessoa sem caráter, fraca, vulnerável, mãe realizada que não sabe o que quer, vai e pronto.

Ninguém rouba ninguém de ninguém...

CASAMENTO/INDEFINIÇÃO

Eu me desdobrava ao máximo!

Trabalhava, estudava, era uma excelente dona de casa. Logo engravidei e os perrengues só aumentaram, passei a ficar cada vez mais só em casa. E ir nos meus pais passou a ser motivo de brigas, discórdia na relação.

Queria realmente que desse certo, queria muito ter uma família tradicional e me esforçava o máximo para isso.

Mas, eu não tinha convivência com a família dele, na verdade, eu conheci no dia do casamento. Conheci a mãe, irmão caçula, uma irmã do meio que vi duas vezes. E a irmã caçula que conheci poucos dias antes, uma sensação horrível, impressão de que eu estava casando com o ex dela.

Mas, todo mundo era brigado com todo mundo, existiam conflitos entre todos. Sim, teve climão da família dele no casório.

Olha, foi uma atuação, lamentável. Meus pais se esforçaram o máximo e dentro das condições, deram o melhor de si para realizar a festa.

Meu pai sempre se esforçou em tudo, meu verdadeiro herói, rei.

Cheguei a conclusão que não podemos nos deixarmos ser manipulados. Mas era tudo que eu tinha vivido, e fui.

Inclusive ao casar tiver que dar baixa na aeronáutica porque o esposo não concordava. Era um sonho sendo interrompido, abortado.

Era minha felicidade, dele a felicidade era só meu salário.

Meu bom salário!

Levei até onde deu.

Um relacionamento de aparência, de ameaças, traições, de dúvidas não podia dar certo.

Muitos perguntavam por que saiu, por que desistiu do seu maior sonho?

Só eu sei o tormento, falta de paz. Foi então que ele rasgou minha farda, minha credencial internacional em frente o meu superintendente.

Ah, não tinha Maria da Penha.

A frustração é um sentimento que enfrentamos quando as nossas expectativas são quebrada, ou seja, algo não saiu como esperado.

Nada era como o esperado.

Eu só queria harmonia, paz.

Mas, minha vida era chorar, chorar como era no convento.

Tentava cultivar bons hábitos, bons pensamentos,

“O JOGO DO CONTENTE”.

Eu não conseguia potencializar competência, habilidades, alcançar, meus objetivos.
Bem, era o que ele fazia eu acreditar.

As pessoas têm capacidade de exercer poder sobre nós, mas nós somos quem permitimos. Eu escolhi ser eu mesma. Definir objetivos, metas, propósitos, conhecer a mim mesma e evoluir.

Mas, não se esqueça: ela vai ser sempre passageira, pois faz parte do processo de crescimento de todos nós.

Conhecer a si mesmo é evoluir enquanto ser humano.

Hoje eu sei disso!

Com propósitos aprendemos que encontramos forças para nos reerguermos novamente!

Sei que pessoas resilientes, pessoas teimosas,

Pessoas de sucesso possuem a habilidade de se reerguer rapidamente. .

É surpreendente como existem pessoas que nos julgam por aquilo que elas próprias são e, portanto, têm a tendência para destruir a felicidade que não lhes pertence.

E vivendo de certa forma a clausura eu aprendi que, é, a frustração, pois quando se perder o medo, nada poderá te parar.

Fui obrigada a engolir o choro, deitar e dormir com meus medos, a solidão mesmo em meio a tantas pessoas.

Às vezes esperamos a dor chegar para demonstrarmos o amor!

Parece que o amor não é duradouro, ou não é estável!

E você perde suas referências quando é escravizada, Vive constantemente a frustração pois, quando se perder o medo, o gosto, o prazer, nada poderá te parar.

Fui obrigada a engolir o choro, deitar e dormir com meus medos, a solidão mesmo em meio a tantas pessoas.

O difícil também é você saber, se dar conta que: quando aceita pouco, quando se contenta com pouco, você aceita migalhas e você sempre estará faminta. Você, sempre estará vulnerável e, fácil de ser manipulada.

Eu tentava tanto, fazia tanto e nada era para mim, por mim!

O EU TE AMO, para mim era uma frase de «efeito» sem NENHUMA eficácia.

Basta refletir!

Partindo da aceitação do raciocínio que, o homem é um ser psicossomático, devo admitir que esta dicotomia, assemelha-se à tricotomia da teologia.

Pois se a ciência admite um corpo e uma alma, a ciência não estaria, assim, tão distante do raciocínio teológico. Uma vez que a teologia, diz ser o homem constituído de espírito, alma e corpo.

A ciência diz que a alma é a sede das emoções do homem. Embora possa deixar vaga à explicação de onde está situada esta “alma”.

A teologia, mais precisamente o livro que se conhece como bíblia sagrada, diz categoricamente que do coração do homem, procedem às saídas da vida.

Coração, ali, é sinônimo de alma, psique.

Não o órgão que bombeia o sangue ao corpo.

Saídas da vida, significa então dizer que toda a emoção, todo o sentimento, vontades e desejos, estão armazenados e empilhados como bagagem, na “mala” da alma humana.

Pois, o homem é todo, se me for permitido usar tal expressão é sentimento!!!

Os atos de um homem, são o puro reflexo do sentimento que, naquele momento, repousa sobre sua «alma».

E o instrumento que a alma usa para a manifestação dessa sensação. Alma x corpo!
A alma mantém o corpo e a natureza divina que eleva acima sua natureza e plenitude!

O que tento dizer, é que ao contrário do que se diz, a parte mais valiosa de um ser humano, é exatamente sua “alma”.

Pois, ela é como um cofre que armazena os tesouros mais valiosos da existência!!!

Aceitando-se o fato que a alma teológica, então, sobrevive à morte do corpo físico, no além, depois de sua morte, o homem levará TUDO com ele!!!

Logo, começo por aqui a abrir um raciocínio interessante.

Pois, ao contrário do que se pensa, que não se leva nada quando se morre, pode ser, pelo contrário, levar-se TUDO.

Pois, se as verdadeiras riquezas, estão armazenadas na alma, como podemos observar, é exatamente a RIQUEZA que o homem levará para o além, pós-morte.

Agora, é seu constante comportamento quem decidirá, se no além, ele a multiplicará ou a perderá!

LEVA-SE TUDO

Se o término desta vida é o começo de outra e ETERNA, é verdade que não se leva nada daqui para o além.

LEVA-SE TUDO!

Minha primeira formação universitária foi exatamente TEOLOGIA.

Engraçado que ser estudiosa era algo que não fazia diferença para ninguém. Ninguém foi na minha formatura da oitava série, nem na formatura do magistério, também não fui na da faculdade, nem da aeronáutica, nem quando fiz adm, ou em qualquer outra formação. Aliás, parecia que ninguém a volta ou familiares ligavam para isso. Certeza que se perguntar para a pessoa mais próxima (parente) e perguntar no que me formei ou trabalhei, ninguém saberá dizer (risos).

Eu precisava entender melhor muitas coisas, fazer teologia fui uma dessas buscas.

Mas, confesso que me tornei uma cristã sem fronteiras.

O casamento, o ciúmes, a loucura, a possessividade, tudo isso acabou me afastando de tudo e todos. Me afastou da igreja, da catequese, liturgia, círculo bíblico, ministério eucarístico, e claro dos meus pais.

E raramente quando conseguia ir, poder ir à igreja, missas, era meu alento.

Com muitas dificuldades num todo o tempo foi passando. Uma gravidez de risco, várias infecções.

Sem recursos para um plano de saúde, exames necessários.

O sistema de saúde do SUS não facilitava em nada.

Com a graças, de Deus meu filho nasceu, um parto muito difícil, sofrido, uma cesárea as pressas. Mas, graças a Deus, tudo estava sob controle! Tinha que estar, o bebê nasceu exausto, todo machucado, tinha duas voltas do cordão umbilical no pescoço.

O medo por ser mãe de primeira viagem, não ter um parceiro para dividir o momento, e não poder expor o medo, a insegurança, a solidão.

Mesmo com o nascimento do bebê a situação conjugal era muito complexa. Éramos como água e azeite.

Essa de que os opostos se atraem não podia ser aplicada! Era um relacionamento de aparências, muitas crises e eu só sabia chorar, ser submissa e acreditar que tudo era minha culpa. Tudo me culpava o tempo todo. Eu atribuía todos os erros, deslizes dos outros a mim.

Eu me sentia incapaz, insuficiente, inferior. Do tipo, ele está me traindo porque eu estou grávida, estou gorda, estou com infecção hospitalar, estou com dor nos pontos e por aí vai.

Eu não conseguia esconder as dores, o tempo todo. O bebê chorava muito, eu

chorava junto. E quando ele finalmente dormia, eu chorava mais ainda.

Então meu filho fez um ano, e era meu porto seguro, meu refúgio, meu tudo, mas, eu ainda me dedicava o máximo ao casamento.

Ter um bebê, trabalhar fora, afazeres domésticos e, ser esposa perfeccionista não era o bastante.

Aquele bebê era um bálsamo, um pedacinho do céu. Era tudo que existia de melhor.

Era o xodoxinho dos meus pais! E como ele amava meus pais, eu trabalhava em uma padaria no centro de Londrina, um trabalho puxado. Eu saía de casa às 4, 5 horas da manhã para estar mais cedo em casa e ficar com meu bebê. Um trabalho praticamente escravo e um salário injusto, um patrão que não tinha a mínima consideração e nem um pouco com os funcionários. (Ex padre).

Lembro que conheci o Carlos Alberto, um bom homem que tomava café todas as manhãs na padaria. Aparentemente cansado, exausto, machucado com o término de um relacionamento, criava sozinho com muitos sacrifícios três crianças. Eram poucos minutos pela manhã, mas eu tentava passar uma mensagem de fé. Ele de bom caráter, trabalhador, mas que infelizmente e novamente estava entrando em mais um relacionamento que pendia para o mesmo desfecho. Tentei passar uma mensagem de fé, paz, que ele buscasse fortalecer na fé, no amor divinal.

Rogo para que ter superado. Nesse trabalho, só tínhamos direito somente a um copinho de café e um pão com manteiga. Lembro que uma vez veio um desconto absurdo no meu holerite. Eu havia tomado uma garrafa de água, porque tinha faltado água no estabelecimento, e naquele mês veio descontado absurdos de pães. Porque em vez de jogar fora os pães amanhecidos, rosca doce amanhecida eu doe 3 pães para um idoso e também eu levei nas vésperas do natal para casa para complementar a alimentação, só eu trabalhava e o salário não dava para pagar água, energia, leite, fraudas, remédios a prestação do meu primeiro imóvel, a babá que, na verdade, era mais um anjo.

Mas, antes disso, havia pedido para o filho do chefe, Deivid. Essa ficou para a história, seres avarentos. Aquele valor era o preço de uma cesta básica na época. Mas, como o correto é o correto para alguns, eu paguei caro.

E, então naquele ano, no dia 24 de dezembro eu troquei de horário a pedido do patrão e então em vez de entrar às 5:30 da manhã e sair às 14:30 eu entrei às 14:00 e sairia às 22:30.

E, devido ao fraco movimento na noite de natal meu patrão fechou a loja mais cedo. Então eu ia sair dali e ir para a missa do galo. Era do trabalho para a igreja, exatamente nesse trajeto, foi ali, nesse dia que tudo mudou. Saindo às 21:00 horas do trabalho sofremos uma tragédia. Um grave acidente na rua Bahia com Amapá. Meu filho entrou em coma no

local, foi encaminhado para o Hospital infantil, eu também, mas encaminhada para a Santa casa. Ele faleceu no dia 31/12 às 23:57 horas, REVEION. Enquanto os fogos de artifício alegrava a todos, ele partia. E então eu acordo toda quebrada, rosto deformado, cômulo quebrado.

Mais de 370 pontos no corpo e rosto. Meu mundo acabou, só me lembrava do meu filho e ele não estava entre nós. Eu morri com ele, tudo acabou com ele. Eu completamente arrasada, descrente, briga, questionava Deus, o universo. Aquilo era inaceitável, inacreditável. E os médicos disseram que eu não teria mais que 8 meses de vida. O que parecia um alento.

Viver já não fazia mais sentido.

O Augusto era uma realmente especial. Ele andou aos 10 meses, falou com 11 meses. E tinha um olhar de anjo e atitudes que era além da idade que tinha. Faleceu 20 dias antes de completar 2 aninhos. Só uma mãe para entender o que é continuar viva sem meu filho. E, então vieram julgamentos, questionamentos, e as pessoas se afastavam. Na verdade, muitos ignorantes que perdiam a oportunidade de ficar calados, pois falavam absurdos: Deus sabe o que faz, ele descansou, vai saber o que ele ia ser no futuro, logo você tem outro filho e esquece dele. Misericórdia, quem substitui um filho com outro? E quem é capaz de ter outro filho depois de um trauma tão grande e em um relacionamento tóxico, abusivo, manipulador?

Uns com medo de terem que ajudar em algo, e, no fundo, ninguém queria, quer cuidar de ninguém. Muitas vezes eu acordava, me dava conta que estava debruçada no túmulo do meu filho. E isso virou rotina, as fugas para o cemitério eram frequentes. Por vezes foi pelo sonambulismo sim.

Perdi tudo, filho, carro, emprego, a casa era financiada e estava com várias parcelas atrasadas. Nada parecia ser justo, nada era facilitado. Meu esposo não se machucou, não desmaiou no acidente, dizia que viu tudo. Teve um entorse no pescoço, ombro.

Já eu, não sabia como lidar com tal situação. Tudo que eu não lembrava, não vi, realmente

Parecia que dormi mais tempo. Era como se eu tivesse dormido anos.

Aquele estado profundo de inconsciência me deixou perdida por completo.

Eu havia ficado um tempo em estado vegetativo, o que realmente aconteceu. E minha memória.

Quem poderia realmente falar o que aconteceu.

Eu permaneci sem respostas.

Segundo um médico plantonista eu fiquei sem estímulos, os batimentos eram imperfeitos, provavelmente tive, sim, estímulos dolorosos, são reflexos do subconsciente.

Por um tempo desconhecido eu sem abrir os olhos, e um longo tempo sem abrir a

boca devido uma fratura no côndilo e maxilar.

Quando tentei me informar junto a santa casa, até mesmo para tentar receberão DPVAT, meu prontuário não foi encontrado.

Sinistro né, mas realmente tentei todos os meios e até hoje não tive nem um acesso.

Em 2000, tudo era bem precário.

Mas, a cada exame apresentava mais um problema, uma sequela, mais uma fratura não vista na internação. Isso era pior que eu tinha passado por uma experiência pós morte. Pretendo falar sobre isso no próximo livro. (Risos)

Mas, ele? Bem eu, nunca vi demonstrar nem uma tipo de sentimento.

A cada consulta, exames eu descobria mais cacos de vidro, e foi quando soube que tinha sofrido 17 fraturas, sendo 8 só no rosto.

Comprei um bisturi, agulha linha, lidocaína e eu mesma comecei a retirar os cacos de vidro do corpo, os piores era do rosto, testa.

Alguns tiveram que ser com procedimento cirúrgico.

Tinha por tudo, língua, gengiva, costas, braços, pernas, pés e até mesmo esôfago, hiato, estômago, intestino.

Eu não me curei, mas estou em remissão sempre. A remissão é você ter controle, ter estabilidade aparentemente. Não é considerado a cura completa, pois, ainda existe risco do problema voltar, até porque a doença não tem cura.

É com certeza uma busca, um cuidado diário, como um tratamento homeopático, lentamente. Tudo isso porque eu precisei ver e ter a capacidade de recomeçar tudo, quantas vezes forem necessárias. Só existia e existe duas opções, desistir e ser teimosa. Eu decidi ser teimosa quantas vezes for preciso. Claro que recomeçar é muito mais difícil que começar, é até mesmo terrível porque requer a coragem do início, amadurecimento, a superação de todo o seu fracasso. As pessoas costumam dizer que uma mulher assim é guerreira, não me considero guerreira e não acho necessário romantizar sofrimentos, cabeçadas, quedas e mais quedas!

Hoje sei que nenhuma noite é escura demais para aquele que crer na luz do ESPÍRITO SANTO e consegue ver dentro de si próprio essa luz!

Depois de tantos recomeços, eu posso dizer que toda conquista começa com a decisão de tentar mais uma vez, mesmo quando não tem forças nem para suportar o pijama no seu corpo. Momentos que sair da cama parecia a própria morte.

Não é fácil admitir, se dar conta de que você está em uma situação terrivelmente complicada, e pior sozinha. É só você com você mesmo.

Dor, o cansaço excessivo, a dificuldade de concentração; a queda na produtividade, a irritabilidade, as dores horríveis de cabeça, músculos travados, doloridos, desânimo

completo.

Após um tempo, eu caminhando na rua Souza naves 619, chorando, sem rumo. Tinha acabado de sair da fisioterapia, chorava muito, eu encontrei uma pessoa. Me chamou para tomar um suco, foi o melhor suco de laranja da minha vida. Era a Vera Lambert, ela conheceu minha história, dificuldade, sem ter nem mesmo o que comer. Ela me convidou para trabalhar com ela, é incrível que ela conhecia o meu marido, acho que por isso se compadeceu mais, hehehehe

No dia seguinte fui então trabalhar no SINCOESPAR.

Nunca vou esquecer o que a Vera, o Aldemar, João Miguel, Seu Gutio (presidente, vice presidente, secretário da empresa) fizeram por mim, fizeram por mim. Eles me deram uma chance, confiaram no meu potencial.

Um ano após o acidente foi que começaram as lembranças, tudo aos poucos. Eu seguia com tratamento, cirurgias, cheguei a ficar internada em clínica psiquiatra. E então tive leucemia e em Londrina não tinha tratamento adequado. Então fui para Floripa, mais precisamente Biguaçu, meu marido se negava ir, não queria sair da cidade. Na verdade, ele nunca me acompanhou em nada. Em nem uma consulta, cirurgia. Pré natal.

Mas, eu prometi para meus pais e para a alma de meu filho que ele lutaria por eles.

Então, com 2 meses de tratamento no HU em Florianópolis, foi quando recebi o transplante de medula. Graças a Luccas! Gratidão sempre, esses doadores são seres evoluídos sim.

Descubro uma gravidez com praticamente quatro meses de gestação. Pois é, simples assim, milagre.

Ali, eu descubro o inexplicável aos homens.

Praticamente 4 anos de hospital em hospital, cidades, três estados em busca de tratamento adequado.

O verdadeiro milagre aconteceu, descobri uma gravidez da, minha Isabela!

Achei novamente que isso seria o motivo para meu casamento ser verdadeiro, ser como eu desejava, sonhava, como eu me esforçava para ser. Mas, não, ele não quis ir para Florianópolis e eu tive que voltar para casa, grávida, doente, mas, graças a Deus empregada. Pois é, o enérgico Aldemar, não me desligou da empresa.

Meu casamento já não tinha mais jeito, eu estava certa disso, eu só não sabia como sair, como resolver. Eu sabia que não seria nada fácil em todos os sentidos. Na verdade nunca foi.

Sempre foi aparência, sempre foi sorriso forçado sim.

Eu tinha vergonha extrema de tudo, eu parecia um ET.

Inclusive quem me conhece com certeza não tem lembrança de me ver de biquíni

maior ou shorts, roupas curtas.

Nunca tive hábitos de me vestir mal, e ele sempre dizia que eu ficava ridícula, eu era magra e me sentia magra, mas as palavras dele eram tão convincente manipuladoras que eu me via como uma imagem invertida. Eu só usava social e preto, era como eu me sentia melhor, eu me sentia bem.

Claro que também devido ao meu trabalho.

As únicas pessoas com quem eu podia me abrir não podiam fazer muito por mim.

Era muito difícil trabalhava duro.

Eu tinha um bom emprego e trabalhava duro para ter uma boa casa, uma casa confortável, carro, moto e, ao mesmo tempo, não ter nada. Porque ele me tirava tudo, bebia tudo, torrava meu dinheiro sei lá com o que.

Chegou um momento em que eu precisava esconder me esconder com a minha filha para ter paz, para poder dormir um pouco sem ter medo (nas cadeiras de reunião do escritório), fazia miojo em uma cafeteira.

Ali eu sabia que eu não seria agredida, não sofreria com gritos, com humilhações quebradeiras, medo, pânico, pavor.

VIDA DE FAZ DE CONTA

Eu tentava me ocupar para não pitar com os sumiços e as atitudes do esposo. Eu fazia concursos, cursos o tempo. Fazia cursos e concursos. Fiz da copel, TRE, Tj, Caixa, polícia militar onde fiz todo treinamento em Curitiba, no Guatupê. Eu cheguei a trabalhar em casas de menores infratores.

Mas, chega em um momento em que uma somativa de acontecimentos deixa o psicológico ruim para qualquer coisa. Foi quando dei baixa.

Parecia que ali no escritório eu me sentia mais segura, oculta, anônima. Sim de volta a sede do SINCOESPAR.

A zeladora do condomínio comercial SENADOR por muitas e muitas vezes me acalmava, fazia um chá, me aconselhava. E tinha a filhinha dela que às vezes ia com a mãe e eu a levava para ficar comigo, a Aritana. Ai gente, pensa num amor de menina. Era um momento fofofissimo.

Minha eterna gratidão a Dona Fátima, a Nati. A Nati era amiga dele, lembro-me que quando ela me viu pela primeira vez, ela tremeu, ficou gaga, pálida. Só depois de um tempo e intimidade que ela me disse que ele falava para todos que eu era brava, briguenta, ciumenta.

E depois de um tempo, elas realmente sabiam o que eu passava, por muitas vezes me acudiram. Por muitas vezes me orientava quanto a separação, ela ficava indignada com tudo, acompanhava de perto tudo. Ela o Fer me ajudaram muito com as questões judiciais relacionadas ao relacionamento tóxico, ameaças, perseguições, pressão psicológica. Até mesmo depois quanto ao inventário e questões criminais que estavam relacionados ao inventário.

Eu tentava ver positividade, leveza, mas era impossível, um dia de paz, tranquilidade sempre rendia algum stress, desgaste depois.

O ser muito ausente, e qualquer pergunta do tipo: onde você foi, onde você está, Ele sempre aparecia e era um transtorno.

E sempre após as aparições a minha pequena princesa ficava doente. Por muitas vezes internada. Uma vez chegou a ficar 42 dias internada no hospital zona norte.

Bem, já não adiantava mais inventar motivos para justificar as atitudes deles e a ausência, inclusive a falta de visitas no hospital.

Nada feria mais do que as atitudes do pai ausente.

Quando ainda morávamos junto, por muitas vezes ele saia levava a chave e, dizia que tinha esquecido e levado minha chave por engano.

Ele vivia, respirava pelo TKd.

Era, sim, o melhor instrutor, o melhor amigo que alguém pudesse ter.

Mas, a família ficava esquecida.

Por muito tempo para o pessoal do TKD, aparentemente éramos uma família feliz, era o que ele me obrigava demonstrar. E então com três denúncias e nada feito, tive que começar a bater para não apanhar na frente de minha filha. Eu tive traumatismo craniano, o que resultou em um tumor no cérebro.

E com fortes dores de cabeça sangramento pelo nariz, ouvido comecei a fazer tratamento em São Paulo. Engraçado que eu tinha direito a acompanhante, mas ele nunca, em 3 anos nunca quis ir.

Mas, a cada ida ou cada cirurgia quando eu chegava em casa ou entrava no carro, eu sabia que uma mulher tinha estado ali.

Muitos vestígios, provas. Mas, ele só me chamava de louca. Sempre tinha vestígios, eles eram muito descuidados, eu já estava muito atenta!

Um dia ele chegou da academia transfigurado e quebrou praticamente tudo enquanto eu lavava a louça!

Ele foi jantar e eu simplesmente perguntei o que houve, se eu podia ajudar em algo. E então ele cuspiu na minha cara e tacou o prato na parede. Por sorte não me acertou, e então começou a jogar garrafas por tudo. E foi onde eu ouvi minha filha com 4 anos dizer: **COM TANTO HOMEM BOM, PORQUE VOCÊ CASOU COM ELE?**

Já não compartilhávamos mais quarto, casa, mas ele era invasivo e só estava ali pela minha filha.

Eu morri de pena de afastá-la dele, pois ela já tinha tão pouco.

Então eu pedi que ela fosse para o quarto e ali despertou, se manifestou a pessoa que eu mais temia.

Dias depois eu faria um cateterismo no cérebro em São Paulo, foi quando eu voltei para casa sem avisar, embaixo de uma terrível chuva no dia 29/12/ às 23 horas ele estava lá com a mãe de um aluno a quem ele dizeis ter asco. Passei a noite na casa de uma prima. Não podia dar desgosto para meus pais. Dia seguinte fui para a delegacia da mulher, onde passei o ano novo como minha filha.

Foi determinado que eu fosse a casa acompanhada por 2 policiais e em 10 minutos retirasse o que precisava. O que você faz em 10 minutos? Foi então que ele desacatou o policial e saiu na viatura algemado, minha filha chegou com meu pai bem na hora. A pedido dela eu retirei a queixa ele ficaria 5 anos preso. Quem sabe disso?

Só os policiais, minha filha, meus pais e minha vizinha que era que observava tudo indignada. A meu pedido ela fotografava, era as provas.

Infelizmente não existia Maria da Penha ainda. Achei que ele pudesse ser pelo menos justo. Mas, tudo que eu peguei em 10 Minutos. A vergonha na cara, humilhação, dor, ódio era o que eu tinha para recomeçar. Eu trabalhava na OAB da cidade e juro, achei que estaria

protegida pelas leis. Claro que não, ele era sedutor, cativante, melhor amigo que alguém pudesse ter, mas era falho como pai. Vendo o sofrimento da minha filha tentei afastar-me mais uma vez. Voltei para Florianópolis em 2007, mas voltei em 2010 quando minha mãe adoeceu, meu pai também.

Passei a cuidar deles. O inferno, perseguição, ameaças também voltaram. Foi então que ele adoeceu, e a família ausente se “aproximou para cuidar” dele e assim foram 8 meses de tristeza, manipulação com a filha. Mesmo assim, eu fiz o que puder, claro que tem muitas testemunhas, mas meus pais e Deus é o que me basta.

LIBERDADE X PRISÃO

O falecimento dele me trouxe uma filha com depressão, amargurada e 580 mil em dívidas. Carro bloqueado, casa penhorada, e por aí vai. Há quem diga que ele deixou pensão, bens. Até os pertences pessoais que restaram na casa foram levados pelos parentes ausentes e as amantes. Não perdoaram nem mesmo álbuns de fotografias, brinquedos, a casa ficou completamente destruída.

Tive até que troca e por várias vezes a minha filha de escolha.

De uma coisa eu sei, fiz o que pude em relação a tudo. E imagino que se eu fosse uma péssima mulher, esposa, os amigos e cunhados dele não teria me procurado. Amigos íntimos tentando relacionamento sério, um deles até parecia ser sincero, e justo. Eu fragilizada, conhecia somente um homem, acabei me envolvendo em um namoro sério.

Isso aconteceu cerca de um anos após o falecimento do ex marido.

Mas, esse era oportunista, mentiroso, folgado, aproveitador.

Eu estava muito fragilizada, carentes, entoxicada, sofrendo preconceitos tentava arrumar um relacionamento sério.

Acreditei nas palavras, venenosas do "amigo" d'ele. Esse era um crápula, pior que se dizia "evangélico" usava o nome de Deus em vão. O mais interessante que descobri que a ex mulher dele foi amante do meu esposo. Os filhos dele faziam tkd também. Mais as mensalidades eram pagas pelas mães.

O tempo, eu tentava seguir minha vida, recomeçar. Até tentei em outubro de 2014 um namoro por ano. Mas, infelizmente, descobri que era um amigo do falecido, também da área do TKD que inclusive acabou se beneficiando com o falecimento do instrutor.

Sim, o primeiro em 2014, depois um rápido em 2016, já em abril/2017 a março/2018 foi ainda pior. Me relacionei com um golpe ambulante, motorista da caritas, catequista, integrante da pastoral do dízimo em uma paróquia muito importante da cidade. O mais incrível é que o padre/pároco falava 1000 maravilhas dele mais. E só um ano depois eu descobri que ele tinha passagem, era alcoólatra, dependente químico, estelionatário. Todos acobertavam as falcatruas do "bom samaritano". A última tentativa foi em 2020, eu finalmente pensei ter encontrado um amor, mas era mais uma pessoa manipuladora, mentirosa, boêmio me fez ver exatamente como tudo começou na minha vida como mulher. As atitudes do Clau, me mostrou realmente que eu que atraia aquele perfil de homem, com lábia, contraditório, com estampa de garanhão. Ele estava comigo e com mais duas. Eu enfim, deixei ele viver como queria e estava acostumado.

Infelizmente, eu só atraia esses tipos. Eu juro, eu tentei, com ele, a família. Mas, ser feita de trouxa até mesmo pela família dele, não né!

Minha vida sempre foi para minha filha, serzinho precoce, marrentinho que valorizou,

mudou completamente minha vida.

Era minha motivação diária. Cada vez que vinha a saudade, a tristeza com a perda do Guto eu sorria, levantava e seguia, para viver por ela!

O amor materno permite a eternidade. Ele sela o coração que nem mesmo o tempo, a distância e o silêncio consegue macular tamanho sentimento.

Às vezes parece que o instinto maternal faz com que uma mãe esqueça até que tem direitos existir.

O amor maternal é muito forte, o amor maternal é grandioso e sublime, é mais obstinado que tudo. Tenho a infinita certeza que não existe nada maior e melhor, verdadeiro. Aprendi que amor de mãe é o maior e melhor remédio para muitas das nossas dores. A maternidade, esse amor incondicional é o combustível que capacita um ser humano comum a fazer o impossível. Tenho certeza de assumir perante Deus o dom da criação, concepção, doação, aceitar encarnar a divindade no mundo. Creio que o amor materno é aquele que nunca se esgota, nem mesmo quando o filho escolher trilhar caminhos tortuosos, transformando sua paz em aflição. Se existe algo que eterniza, supera limites, vence obstáculos, preconceitos, ajuda, vencer, é amor de mãe. Eu diria que é natural, profundo, e eterno sim.

Esse amor que me nutre e me fez ser capaz, me deu forças para superar tantas dificuldades.

Superar e vencer a fase em que fiquei com a filha órfã de pai, com depressão, amargurada. Eu não queria mais me relacionar por medo de me ferir e alguém ferir minha filha.

De 2014 a 2020 ainda lutava com o inventário, R\$ 580 mil em dívidas, carro bloqueado, casa penhorada, e por aí vai...

Há quem diga que ele deixou uma boa pensão e bens. Queria mesmo que alguém me mostrasse onde está tudo isso de verdade.

É extremamente complicado quando outro exerce poder sobre ti. Pode parecer porque você permite, de certa, forma sim, mas é uma questão de ir se envolvendo, acreditando, achar que vai mudar. Ninguém muda. Difícil alguém deixará hábitos de prepotência, manipulação. Uma vez maluco, desequilibrado, manipulador sempre será. Por muitas vezes eu cheguei me perguntar se o problema não estava em mim, se eu não era pessoa tóxica, se eu não era a pessoa doente, mas todos os meus médicos terapeutas psicólogos e psiquiatras apenas falavam coisas boas sobre mim sobre as minhas perspectivas, expectativas, insistência e a maneira positiva, guerreira, lutadora de ser. Eu sei que um relacionamento é 50%, de cada um, sempre tentei dar o máximo de mim em tudo.

Por muito tempo quem via meu sorriso durante o dia, não imaginava quanta lágrima eu derramava a noite, e enquanto perdia o sono, ficava remoendo toda a minha vida.

Eu só conseguia fechar os olhos e ver como as coisas estavam um caos, uma bagunça, enorme que não sabia nem por onde começar.

Deixei minha saúde física, mental de lado, eu sabia que precisava mudar pela minha filha. Por mais que tudo me puxava para baixo cada vez que eu tentava, era como se eu estivesse nadando contra a correnteza.

Quando se está ferida, magoada, com depressão. Parecia praticamente me mover contra tudo aquilo, tantos destroços.

Eu precisava caminhar sem culpa, sem rancores, sem frustrações. Eu me coloquei no lugar dos meus pais, da minha filha e percebi o quanto eles precisavam de mim, de que eu estivesse bem. Cheguei a conclusão que não podemos nos deixarmos ser manipulados. Não crie expectativas. Pois vem as decepções, que é um sentimento que enfrentamos quando as nossas expectativas são quebradas.

Mas, não se esqueça: ela vai ser sempre passageira, pois faz parte do processo de crescimento de todos nós!

É a partir delas, que aprendemos e encontramos forças para nos erguer novamente! Por maior que seja o sentimento por alguém, ninguém pode exercer poder sobre você.

Relacionamentos abusivos, pessoas que te diminuem.

E foi justamente no dia que fui embora dessa vida eu descobri que só o “amor” nunca foi e nem nunca será motivo suficiente para insistir, ficar com uma pessoa.

Descobri inclusive que nunca amei nem um homem. Exatamente isso, nunca fui apaixonada, nunca amei realmente um homem.

Se machuca, magoa, esgota, manipula, se alguém exige de você e não se dá, sai fora.

E eu sei que todo mundo diz que quando a gente ama, a gente fica.

Muitas vezes eu vejo pessoas vivendo relacionamentos ruins ou insistindo em histórias que machucam porque “amam”. Mas, honestamente falando, não adianta nada você amar com toda a sua intensidade e a outra pessoa te fazer mal. Não adianta nada você se dedicar, se doar, amar aquela pessoa e ela não te respeitar, não te tratar da forma como você merece ou te machuca com palavras e atitudes. É que só querer, gostar, o amor não basta. Precisam existir outras coisas na relação para que ela possa durar e te fazer bem.

O amor é paciente e benigno.

E aí, quando faz mais mal do que bem, o melhor mesmo é ir embora. Quando te traz mais angústia do que paz, a gente precisa se obrigar a desistir. A abandonar o barco. Por mais difícil e doloroso que seja, é melhor sim. A verdade mesmo é que só o amor não é o bastante para te fazer ficar com uma pessoa. Presente de Deus!

Me dei conta, sempre fui muito submissa, e achava ser parceira, companheira,

cúmplice.

Fique atenta, atente-se a seus desejos sem julgamentos para que sua decisão esteja alinhada com você.

Sair de um relacionamento no qual não se está feliz e não se consegue ou não.

Quer “consertar”, também é, respeito para com a outra pessoa. Lembre-se: princípios, dívidas, filhos, religião, família, nada pode fazer você ficar onde não é feliz, onde não se sente bem, não tem reciprocidade.

Eu era magra, linda, popular, com um ótimo emprego, mas o parceiro dizia que eu era gorda, me ridicularizava.

Hoje, não me importo com o que falam mais. Quem quiser terá que me aceitar como sou.

Liberte-se, fazer por gostar, para agradar, mimar é lindo. Mas, mudar por alguém ou fazer alguém mudar para se encaixar chega ser crime. Fazer adaptações, ceder, mudar é saudável e vale a pena quando ambos querem mudar pelo bem do casal. Já insistir para que o outro mude sua personalidade apenas para que o jeito dele se encaixe em seus moldes e caprichos é caso perdido.

Se for para o bem de ambos, tudo bem. Se for só por capricho, é melhor poupar tempo, saúde, poupe sua energia.

MUDANÇA, SINÔNIMO DE VIDA

Às vezes mudança é sim, sinônimo de vida. Mudar é estar viva, honrar essas oportunidades, crescer, evoluir, aprender, não ficar estacionada, conhecer coisas novas. Mas, não é tão simples assim, requer um conjunto imenso de habilidades emocionais e racionais, porque tais mudanças realmente serão profundas.

Na época da separação eu cheguei a morar em um cômodo coberto com lona, um cômodo de 5x5, primeira chuva perdi tudo. Mas, não desisti.

Hoje não tenho contato com muitas pessoas do passado que de uma forma ou outra me usaram, aproveitaram, ofenderam, caluniaram, viraram as costas quando era mais precisei.

Eu tentei resolver meu passado, amenizar a situação, resolver os maus momentos, mal entendidos. Tentei harmonizar com familiares, e seguir minha vida! Creio que para tudo tem um tempo, até mesmo para pedir perdão.

Chegou um momento em minha vida que até onde eu morava interferia na relação com familiares. É difícil viver com a sensação de ter que viver pisando em ovos. Deu, chega, mude sua consciência.

O primeiro, passo para ter maior facilidade para lidar com as mudanças está em deixar de encará-las como algo negativo.

Existem atitudes que se a pessoa não tomar, se a harmonia existe somente de um lado, mude-se, não esforce para caber em um lugar que deveria ser naturalmente seu.

O importante é estar em paz com as pessoas e consigo mesmo, mas não se mate. Não se torture para isso.

Análise as situações, busque se ocupar, hobby, estabeleça metas, tenha prioridades, e o mais importante, se coloque como prioridade.

Existem mudanças que são necessárias, existem mudanças que são obrigatórias, e existem aquelas mudanças que fazemos para viver melhor!

As que fiz pelos meus pais, minha filha, faria tudo de novo com muito amor.

Sempre foi muito importante para mim honrar pai e mãe. Honrar ele, me fez forte, me fez ter conexão forte, de raiz profunda, conectada ao criador. Não importa se os pais já partiram, se nunca os conheceu, ou se não foram cheios de cuidados, atenção, cheios de virtudes.

Para mim, obedecer pai e mãe é ter suas orações ouvidas, e saber que és temente a Deus, seus filhos te trarão alegria. Sua vida com certeza será longa, terás justiça no lugar de pecado. Quem honra pai e mãe vive muito melhor e consegue obedecer aos mandamentos com muito mais facilidade.

Não, há nada mais recompensador para uma mãe, do que a felicidade de um filho e sua gratidão por tudo o que ela fez e fará sempre que for necessário. Honrar pai e mãe é bíblico.

HONRAR PAI E MÃE

Honra teu pai e a tua mãe a fim de que tenhas vida longa na terra e o Senhor, o teu Deus, te dá. (Eclesiástico 3.3).

Digo isso porque em 5/11/2019, meu pai pediu encarecidamente para levar para o litoral. Até cogitei a ideia de trocar a minha casa em uma chácara no limoeiro, alvorada do sul, Sertanópolis.

O cardiologista, pneumologista disseram que sair da cidade seria bom para a questão da saúde do pai.

E devido a conflitos entre a família, meu pai queria realmente ficar longe de tudo, de Londrina.

Eu não tive escolha.

Me mudar naquela fase, naquela situação não era favorável.

Principalmente para minha filha que perderia a bolsa de estudos SESI INTERNACIONAL, perderia agenciamento na agência de modelos. Mas meu pai estava com a ideia fixa.

Lá vamos nós para uma terra sem CEP.

E então, no dia 11 de dezembro de 2019 já estávamos instalando em uma cidadezinha pequena do litoral paranaense.

Eu creio que, tudo em seu tempo, e um porquê. Sei que existe tempo até para pedir perdão, se não pediu na hora certa, não peça mais, não precisa mais.

Percebi que as pessoas, os outros não precisam de perdão, mas eu perdoei para que eu pudesse seguir, para que eu pudesse viver em Pontal do Paraná da melhor forma possível, pois a cidade as pessoas não tinham muito oferecer, era uma cidade em que na época, se você não ficasse esperto você perderia até os órgãos.

Agora há quase dois anos litoral, de onde vim especialmente para cuidar dos meus pais, eu posso dizer que venci, infelizmente sem a minha mãezinha recentemente, mas, prefiro acreditar que ela está bem, está em um plano espiritual!

Como ela mesmo disse, ela desejou, ela quis partir.

Foram meses, via-sacra em hospitais. Cheguei a passar dias dentro do carro. Ela internada em outra cidade, longe de casa, longe do meu pai, longe da minha filha. Muito sofrimento, angústia, dor, desilusão. Mas como dizem, descansou ela deu seu último suspiro em meus braços eu fiz o máximo que eu vou hoje sem dúvida alguma eu faria tudo de novo se preciso fosse eu estava protocolada com COVID graças a Deus eu não passei para ela nem para o meu pai e tao pouco para minha filha. Ela me ensinou o que até mesmo na dor, na partida, o que de fato precisa ter, é fé! Ela partiu rezando, como foi sua vida toda.

Saudades, amor, eterna gratidão a dona MARIA DOS ANJOS.

Hoje sigo cuidando amorosamente do meu pai querido, tão forte aparentemente, mas com o coração frágil, braquicardia, DPOC grave.

Deus é bom!

Pai, homem maravilhoso, guerreiro, na minha vida!

Graças a DEUS eu tenho o melhor, tem a minha filha abençoada, modelo, designer de moda, eu tenho teto bom, confortável, não como tudo o que eu já lutei para ter e conseguir e que me tiraram apesar de ter perdido a minha mãe recentemente, estando em busca do melhor tratamento para o meu pai sei que posso fazer, faço a minha parte.

Não diminua o seu padrão por nada e por ninguém posso dizer que com muito sacrifício, muito custo eu superei e eu consegui tudo que almejei, posso ter perdido devido a algumas escolhas de devido a algumas pessoas, mas eu estou longe, eu deveria estar.

Sei nitidamente que tantos problemas de saúde foi, sim, devido âmbitos traumas. Esses de infância, acidente com perda do filho, a falência de um casamento tão sonhado.

Na verdade, é muito nítido: a boca cala, o corpo fala.

Sabemos que traumas psicológicos acarretam, desenvolve muitas patologias.

E muitas vezes eu vejo pessoas vivendo relacionamentos ruins, adoecendo com isso. Mas, honestamente falando, não adianta nada você amar com toda a sua intensidade e a outra pessoa te fazer mal. Não adianta nada se a pessoa não te respeita, não te trata da forma como você merece ou te machuca com palavras e atitudes.

Quando faz mais mal do que bem, o melhor mesmo é ir embora. Relação vai muito, além disso.

A realidade que não era amor quando ele gritava, xingava e te fazia pedir desculpas por ser sensível, tola de mais. Não era amor quando ele te fazia sentir culpada por te priorizar, querendo ver teus pais. Não era amor quando ele me chamava de louca. Não era amor quando você fazia vista grossa para os casos extra conjugais.

Às vezes ficamos cegas (os) que chega a duvidar até mesmo das provas dos detetives que você contrata, do batom no carro, peça íntima na casa. A pessoa faz de ti um fato, constantemente vai tentar mudar o modo de pensar ou agir.

Infeliz, e principalmente fazer para ganho próprio, além de apresentar uma personalidade egocêntrica e narcisista.

Essas características fazem com que a pessoa necessite se destacar em alguma forma, assim manipulando a opinião daqueles ao seu redor para se depreciar e reconhecerem a importância dela.

E é exatamente aí que muitas não consegue sair desse relacionamento.

A preço alto eu aprendi que minha tarefa não é curar pessoas tóxicas, mas sim curar em mim o que me conecta a elas.

Muito se fala de pessoas tóxicas, mas sempre dos outros, mas quantos de nós já nos perguntamos: será que eu estou sendo TÓXICA?

Isso vai como certeza te ajudar olhar de uma forma, e mais ampla e com certeza por outro ângulo.

VIVERIA COM ALGUÉM COMO VOCÊ?

Você seria capaz de viver com alguém exatamente como você é?

Eu fiz muito isso, é claro que sim, em alguns momentos eu fui muito tóxica. Mas, também com a ajuda da minha psicóloga, terapeuta, medicinal da saúde, eu descobri que muitas pessoas não eram minhas amigas, eu era amigas delas.

Tenho sim, amizades maravilhosas, presente e mesmo que passe muito tempo sem nos vermos, o respeito, admiração, cuidados são os mesmos.

Assim como a Rose Anacleto, amiga de pré-natal, a tia Sônia, da Carol que tanto me ajudou. Seres iluminados que mesmo de tão longe estão sempre presentes.

A praia rendeu boas amizades, sim, amizades do meu pai e da Isabela, sempre atenciosos com os dois, a Pamela. Nem sempre nos vemos, mas, são amizades de referência.

Temos muito colegas sim, mas um pouco mais distantes. Algumas vezes prometemos muito e não damos conta de nutrir, cumprir com o laço de amizade esperado, isso é normal também. Mas, nada de ficar vulnerável e a espera de um milagre, amigo é amigo, colega é bem diferente.

Não são aquelas pessoas que te deixa no vácuo, que visualiza e não responde, hehe.

Maturidade é tudo. Você vê quem realmente é amigo, quem é parente e quem é qualquer um. E então me afastei de muitos, quando eu parei de buscar primeiro, de buscar a primeira mensagem, quando, na verdade, fiquei onde me deixaram, naquela distância eu me dei conta de quanta pessoas eram minhas amigas, irmãs, parentes, colegas.

Então, eu disse a mim mesma: retribua ausência com ausência, mensagem visualizada sem resposta, com pare de correr atrás, lealdade somente com lealdade.

Oferecer seu melhor, somente com reciprocidade.

Nunca tolere ser maltratada, mal amada. Quando alguém mentir para você e achar que está te enganando, paga de doidona, sim se preciso finja demência. Só segue, segue seu baile. Quando você perceber que está implorando por sentimentos, atenção... tendo migalhas, dê um tapa nessa sua cara linda, você precisa acordar.

Siga sua intuição, sim, observe os detalhes, não deixe ninguém te fazer de idiota, aja como se não soubesse de nada.

Ninguém merece seu tempo, sua dedicação, ninguém merece o seu desequilíbrio emocional.

Liga o foda-se.

Não esqueça que as pessoas mentem e fingem muito bem. Cuide-se e não duvide da capacidade de alguém mentir, porque você sabe, para eu gente mal intencionado é mais

fácil mentir a qualquer cagada.

Quando o cônjuge não é leal, ele pode inclusive colocar no mesmo ambiente a mãe, a ex, os filhos, a namorada e as amantes. E pior, as amantes são amigas, comendo uma na mesa da outra...

Muito pior, a ex, atual, e amante no grupo da família.

Delete da sua vida pessoas que te fez mal, ou te fez sentir mal. Você não depende deles e nem do seu mau amor.

Quanto mais o tempo passa, mais a gente se dá conta de que a vida é bela de mais para nos apegarmos ao negativismo e não importa a minha idade, o que importa é o meu desejo de continuar vivendo a cada dia mais.

Envelhecer é uma dádiva, sim, concedida por Deus para nós mortais. Vivemos em prol da missão de alcançar a felicidade suprema e quando a conquista, os anos passam e nem notamos. A idade é maior das conquistas que um ser humano pode obter, pois quanto mais velhos ficamos, mais experientes e preparados para a glória podemos estar.

Bom, imagino que para muitos, minha história é só uma história. Para, outros, uma surpresa, muitos vão pensar, ficar intrigados. Essa história já fez muitas mulheres acordarem, perceberam que estavam em um relacionamento tóxico, abusivo e por incrível que pareça ajudou homens também a serem melhores, mais amorosos, atenciosos.

Nada se torna realidade porque é sorte, ou magia, nada vem de graça.

É preciso muito suor, determinação, trabalho duro.

LUTO

Muitos vão perguntar porque aguentou tanto?

Simplemente porque “Eu” queria ser a melhor filha, melhor aluna, a melhor amiga, a melhor pessoa.

Queria sim, agradar meus pais. Ser orgulho, eu morria de tristeza, saudades.

A saudade era demais ôh ôh!

Um bom dia, um abraço, até mesmo as intrigas dos irmãos, os safanões dos irmãos mais velhos e a birra dos irmãos mais novos. Ah, como fazia falta aquele cheiro de bolo de fubá da minha mãe, o café do meu pai logo pela manhã.

Sentimos essa saudade boa de tudo e de todo mundo porque, ela não nos remete à falta ou ausência.

Para ser bem honesta, acredito que seja muito pelo contrário.

A saudade na infância é um sentimento tão doce e cheio de zelo que pode ser a melhor forma de ponderar o quanto da gente "o outro tem".

Melhor do que qualquer presente em baixo da árvore de Natal, é a presença de uma família feliz. Saudade não é motivo suficiente para que alguém volte, mas é motivo suficiente para que você vá atrás!

Lutarei diariamente contra a paralisia do meu espírito, do meu corpo, perder um filho faz com que, da noite para o dia, tudo pare.

É algo contra a natureza, que nossa mente não é capaz de entender. E ficamos quietos, sem ar, como se tivéssemos sem alma...

O pensamento mais recorrente que os pais sentem é o clássico... “Nada faz sentido”.

E a paralisia vital, emocional e motivacional pode acabar nos prendendo em um sofrimento crônico. Isso é algo que deveríamos evitar. Nossa mente é incapaz de processar o acontecido, as negações, o bloqueio e a imobilidade. Entretanto, o próprio processo de luto deve nos ajudar a lidar com todas essas emoções.

É viver com saudade, e a saudade é como organizar dentro da gente um lugar gostoso, carinhoso para alguém especial morar.

“Eu olho para o céu e tento ver-lhe dentre tantas estrelas, procuro nas sombras sua imagem perdida, minha mãe. Filho, eu desenho seu rosto nas nuvens que vejo passar, viajando sem rumo e me guiando pelo luar, eu pergunto:

Onde você está, como seria hoje com 26 anos.

E então meu coração se agita, dando-me a resposta com uma lágrima às vezes, que me faz perceber novamente! Vocês não estão aqui, mas permanecem no meu coração” Eu gosto de pensar que existe um mundo paralelo no qual vivem as almas que deixaram este mundo.

Como escrever uma história quando ela ainda não acabou?

Quando uma pessoa nos deixa, nossa vida é paralisada, nosso coração se entristece e nós nos bloqueamos.

Vivendo o luto de minha mãe.

No entanto, há uma maneira de continuarmos escrevendo nossa história: com lágrimas, saudade e esperança.

“Quando alguém morre, não parte sozinho. Leva parte da sua alma para confeccionar suas asas, e assim voar junto a você”

Sua partida nos ensina que não é a morte o que nos assusta mais; o que é verdadeiramente doloroso é conviver com a dor de saber que, apesar de chorarmos e sofrermos, nunca mais voltaremos a ver “as pessoas” chega a ser assustador, não é mesmo? Não nesse plano.

É assustador, é uma dor que fica lá, no fundo, na qual nós não queremos mexer. É como meu pai, minha filha! Estamos no momento com essa partida. Porque, afinal, é desta forma que sentimos a pessoa perto de nós, e nos agarramos a isso por um bom tempo. A vida continua, e eu aprendendo a viver um dia de cada vez. As coisas têm que passar, os dias têm que mudar, os ares tem de ser novos e a vida continua, com ou sem qualquer um.

Hoje estou acreditando que o amor existe e que as pessoas podem ser legais.

Infelizmente os remédios mataram minhas defesas. (risos)

Como não podia deixar de citar:

Hoje realmente concordo com Confúcio, quando disse que não devemos preocuparmos com a morte!

A vida tem tantos problemas que temos de resolver primeiro.

Ah! Como seria bom se assim fosse!

A saudade não deveria doer. Já o amor deveria curar e equilibrar, confortar!

Gosto de pensar que os novos possuem algo dos que já não estão aqui. Agarro-me a ideia de que há algo ou alguém próximo a mim que me toca todos os dias com seus fragmentos.

A verdade é que cada pessoa que já se foi de nossa vida agora é uma estrela que nunca se apaga. Porque em nós permanece a memória dos que se foram; a saudade sempre permanecerá. A vida é uma passagem, uma superação diária.

Cada um tem a sua história.

Supere um desemprego, um fim de relacionamento. Não era para ser!

Precisamos superar até mesmo a partida de um filho, a ausência de uma mãe.

A ansiedade, tristeza, angústia leva ao movimento interno descontrolado de passar de um amor ao outro, compulsivamente.

A saída para quem não suporta o sentimento de carência é trabalhar para aumentar a autoestima. Porque ninguém consegue suprir a carência do outro, mesmo que queira.

O sentimento de vazio interior e insegurança só podem ser curado pela própria pessoa.

Isso, porque, quem se sente inferior acredita, intimamente, que a outra pessoa irá, cedo ou tarde, “descobrir” quem ele(a) realmente é. Nesse caso, a pessoa está projetando os seus sentimentos de menos valia.

A idealização acontece quando ela julga que o(a) parceiro(a) não está apto a atender as suas expectativas. Com isso, desiste da relação e inicia outra, sempre em busca do par ideal.

A idealização acontece quando ela julga que o(a) parceiro(a) não está apto a entender e corresponder suas expectativas.!

ILUSÃO, CURA, FELICIDADE

Pessoas que não conseguem ficar sozinhas e estão, continuamente, passando de um relacionamento para outro, podem estar sofrendo de altos graus de carência.

Cure-se primeiro para conhecer uma nova pessoa.

O comportamento aparentemente inofensivo de sair de um relacionamento e entrar em outro rapidamente, geralmente, esconde uma ansiedade imensa.

Também, aceitar uma pessoa como parceiro amoroso, contando que ele vai se tornar mais sociável, deixar um vício, ficar rica, cursar uma faculdade, um parceiro que é aceito condicionalmente já inicia o relacionamento como devedor.

Algumas características pessoais, que são mais importantes para um relacionamento amoroso, são muito difíceis de mudar. Portanto, é melhor selecionar parceiros que as possuam do que tentar mudá-los depois.

Quem confunde a paixão incondicional com o amor, acaba cometendo vários erros, e justamente por achar que o amor também tem que ser incondicional, acaba se acostumando com essa ideia de forma cômoda, mas o sentido verdadeiro perde, pois o amor pede condições para existir, e se você não ama essa pessoa pelas condições de amor que ela oferece por sua natureza, você acaba criando as condições pelas quais se quer amar, então acontece o primeiro erro clássico:

Não amar quem a pessoa é, mas sim quem você quer que ela seja. Escolher bem o parceiro!

Quando tentamos controlar o outro por medo de sermos traídos (ou por qualquer outra crença), ocasionamos um duplo aprisionamento do outro de nós mesmos. A ilusão de que o parceiro deve ficar sob nossa supervisão nos dá a sensação equivocada de segurança...

Mas, no enquanto tentamos vigiá-lo, perdemos também a nós mesmos, desviamos-nos dos nossos próprios caminhos para seguir um caminho que não existe, que não é o nosso e também não é o da pessoa amada.

Você está amando quem a pessoa é ou quem você gostaria que fosse?

Não há nada errado em querer ser feliz, mas localizar a fonte daquela felicidade fora de nós mesmos, nas mãos de outra pessoa, significa evitar nossa capacidade e responsabilidade de mudar nossa própria vida para melhor.

A felicidade é um momento, um estado de ânimo que se traduz num sentimento de satisfação. Quem é feliz sente-se à vontade, contente e de bem com a vida. Contudo, o conceito de felicidade é subjetivo e relativo. Não existe qualquer índice de felicidade, nem uma categoria que tenhamos de alcançar para nos considerarmos pessoas felizes.

Do ponto de vista biológico, a felicidade é o resultado de uma atividade neural fluida, em que os fatores internos e externos estimulam o sistema límbico.

O ser humano costuma sentir felicidade quando alcança os seus objetivos, sempre que consegue superar os diversos desafios na sua vida cotidiana. Nos casos em que isso não acontece, nutre então um sentimento de frustração que lava à perda da felicidade. As pessoas que se sentem realizadas e plenas tendem a ser mais serenas e estáveis, uma vez que chegam a um equilíbrio entre as cargas emocionais e as cargas racionais.

Há quem seja da opinião de que a felicidade está relacionada com os bens materiais e com o dinheiro, da a frases como “O dinheiro não traz felicidade, mas ajuda”, enquanto o dinheiro é o meio necessário para a satisfação das necessidades materiais humanas. E uma vez satisfeitas, tende a ir à procura de produtos que lhe proporcionem maior felicidade.

Já, as religiões e as pessoas com inclinação pelo lado espiritual associam a felicidade a um estado de alma perante o qual o ser humano se sente em paz.

Este estado pode ser alcançado através das relações pessoais ou dos laços com os entes queridos, por exemplo.

Para os filósofos a felicidade é particular para cada ser humano, é uma questão muito individual. Mesmo que a ideia compartilhada entre a maioria das pessoas seja que esse conceito é construído com saúde, amor, dinheiro, entre outros itens.

Aproveite a sua liberdade: Fora de relacionamentos, você não precisa “chegar a um acordo” antes de fazer o que quer. Partiu arrumar as malas e passar o fim de semana onde você quer ou reencontrar a amiga.

A melhor resposta: “Prefiro esperar um cara que seja homem o suficiente para não se intimidar com meu sucesso, empoderamento”. E depois sorria.

Há anos você escuta que sua autoconfiança e sucesso assustam a ala masculina. E você ainda nem é CEO de uma multinacional - mas já foi promovida este ano, tem casa própria e um carro novo. Sabia que mulheres bem-sucedidas têm as mesmas chances de casar e menos tendência para o divórcio do que uma que não trabalha?

Ok, existem homens que não lidam bem com suas conquistas, com suas vitórias. Mas não são todos, não. Em vez de adaptar seu perfil às inseguranças masculinas, que tal tentar encontrar um cara que não tenha medo de festejar quando você for promovida? As pessoas ainda me perguntam porque não caso, não namoro?

Não dá para generalizar. Cada caso é um caso. Dizer para alguém ser a rainha do gelo no relacionamento é o mesmo que falar para esconder seus sentimentos reais, porque, se o cara souber deles, perderá o interesse.

Mas não se iluda: bancar a desencanada para tentar deixar o outro inseguro não faz de você uma pessoa segura.

A melhor resposta: “Estou procurando um relacionamento, não um troféu”.

Você não sabe jogar, será mesmo?

Desde quando um relacionamento é um esporte, um jogo e as mulheres estão em desvantagem e os homens são os vencedores?

Por mais que acabe dando chances a caras sacanas, porque em algum momento achou que valesse a pena, pelo menos seguiu seu coração. Então, em vez de agir conforme regras do que você deve ou não fazer, ou aceitar, invista no que a (o) faz feliz - e arrisque-se.

Afinal, arriscar é ousar sair da zona de conforto, enfrentar o desconhecido em busca de novas possibilidades.

A melhor resposta:

O relacionamento foi bom enquanto durou, mas o interesse acabou. E ficar ao lado de alguém que não me faz mais feliz não é o plano que tenho para minha vida, no mínimo respeito, e infelizmente, 90% da humildade não sabe ainda ser respeitosa. Não tem cautela, princípios éticos inclusive e infelizmente não são capazes de distinguir seus deveres, direitos, limites, obrigações.

Mas, para quem vive há anos me perguntando se estou sozinha por opção ou decepção, eu digo: "Estou escolhendo alguém para passar o resto da vida, não um sofá novo".

Ainda ouço: Você devia ter casado com aquele cara.

Será mesmo? Após terminar um namoro de anos, a opinião geral é que você espera demais de um relacionamento...

Se era legal, mas quando o respeito, tesão acabou você não quis se acomodar e partiu para outra. Mesmo assim, às vezes pensa: "E daí que o sexo era mais ou menos?

Não se pode ter tudo"....

Errado! Não se contente com «qualquer coisa».

E sim, sempre observe os detalhes, sempre tem!

Os motivos pelo qual está solteira (o) ou não pode ser qualquer coisa!

Você é muito seletiva (o) Será mesmo?

Faça uma enquete rápida com as BFFS solteiras - pode apostar: esse, provavelmente, é o argumento que elas mais escutam ao contar que estão sozinhas (de novo). Afinal, é fácil para os outros dizerem que elas andam "escolhendo demais". Mais fácil ainda é falar "Poxa, dá mais uma oportunidade ao cara! Ele é tão legal".

É o que digo, as pessoas até querem um relacionamento, mas não para todos os dias. Do tipo, não falei com você ontem porque eu não estava legal, eu estava com dor de cabeça, dor nas costas. Ah, eu estava cansado.

Afinal, o que você quer é um cara surpreendente e fofo e que desperte tesão em você todos os dias, não um cara instável, cada dia uma crise, ficar quieto porque não está legal, não respondeu sua mensagem porque estava com dor de garganta, estava com uns b.os aí.

Eu Fico pensando se além de tendinite, ler, os dedos também sofrem com amidalite, faringite, (não respondi porque estava com dor de garganta) hehehehe.

Na vida tudo acontece, raramente aparecerá uma pessoa para te dizer «Estou contigo para sempre».

“De amor não correspondido, de mentiras o meu coração já está mais partido que o Titanic”.

São muitos os que escolhem a solidão, mas ninguém é capaz de suportá-la. Mas eu nunca a escolhi, porém, simplesmente é na solidude que vivo.

Muitas vezes vejo que a solidão é uma arma que mata mesmo não tendo ninguém para dispará-la.

Mas, diante do meu frustrado casamento, descobri que, no fundo gostava de solidão. Prefiro-a ouvir o som da minha própria respiração a ouvir vozes de pessoas que não me fazem bem.

Hoje sei que um relacionamento desgastado têm altos níveis de inflamação em todo corpo.

Porque estão mais sujeitos ao desenvolvimento de doenças sérias!

Por muito tempo estive gravemente doente!

O SILÊNCIO DAS DORES GUARDADAS/APRENDIZADO

São muitos os que escolhem a solidão, mas ninguém é capaz de suportá-la.

O cúmulo da solidão é responder boa noite para o apresentador do telejornal!

É preferível o silêncio das dores guardadas e a solidão das saudades envelhecidas, ao rastro indolor do nada, o nada da minha vida.

A solidão é agora tão difundida que tornou paradoxalmente uma experiência compartilhada.

Nos fins de semana eu falava, e ria sozinha, para não esquecer o som da minha própria voz, juro!

As pessoas não percebem, mas a solidão é subestimada.

A verdadeira solidão é aquela que mesmo rodeado de pessoas, ainda sim sente-se só e com um imenso vazio no coração, e sei bem disso. Eu mesma vivi por mais de 30 anos nela.

Às vezes ficamos tanto tempo sozinhos, que a solidão deixa de ser ausência e passa se tornar companhia. A solidão, por conseguinte, implica a falta de contato com outras pessoas.

Trata-se de um sentimento ou estado subjetivo, tendo em conta que existem diferentes graus ou matizes de solidão, podendo ser encarados de diferentes formas dependendo da pessoa. Em princípio, a solidão absoluta não existe. Há sempre alguém com quem se mantenha uma certa proximidade, seja física ou emocional. Por outro lado, a solidão, em certas ocasiões, é valorizada por muitas pessoas, havendo, aliás, quem a considere imprescindível para descansar ou se concentra.

Independentemente das diferenças pessoais, a solidão durante períodos extensos costuma ser considerada como algo que causa dor, insatisfação, razão pela qual as pessoas tendem a procurar contato social, seja em reuniões, passeios ou saídas, e em alta no momento os apps de relacionamento.

Mas, nunca deixe de ser o que é, seja estrela, lua ou simples poeira cósmica, o fundamental é ser essência. .

Muitas situações contrastantes virão até você: felicidade e tristeza, vitória e derrota, louvor e difamação. Porém, permaneça calmo e estável. Não fique chateado quando alguém insulta você ou feliz apenas quando alguém o elogia.

Seja vitorioso sobre todos esses aspectos.

Permaneça feliz diante de todas as circunstâncias e situações. Verdade e simplicidade o tornam vitoriosos. Mantenha sua própria verdade para não ser influenciado pela negatividade dos outros. Deixe que os outros sejam influenciados e transformados por sua verdade.

Muitas vezes a complicação de um relacionamento começa quando passa a amar, quando larga a fase da aventura, descontentamento, buscas mundanas para fazer planos juntos.

Para viver um grande amor é muito, muito importante viver sempre junto e até ser, se possível, um só defunto — para não morrer de dor. É preciso um cuidado permanente não só com o corpo mas também com a mente, pois qualquer “baixo” seu, a (o) amada (o) sente mal e esfria um pouco o amor. Há que ser bem cortês, sem cortesia; doce e conciliador, sem covardia; saber ganhar dinheiro com poesia — para viver um grande amor.

Às vezes paro e olho ao meu redor, vejo tantas coisas que me deixa tristes demais.

É tanta violência, tanto descaso com o próximo que me pergunto onde fica o respeito, e a esperança?

Acho que realmente abriram a caixa de Pandora e deixaram todos os males saírem de seu interior e aprisionaram a esperança, sim, a esperança de um mundo mais ameno e humano, mais empatia.

Acho que esse mundo precisa de paz, de amor e de respeito, pois no decorrer da humanidade, fomos perdendo esses valores importantes que nos distinguem de outros animais, e, sem eles, não somos tão diferentes, ou melhor, somos muito diferentes, pois nenhum animal mata

seu próximo pelo simples fato de matá-lo, eles matam para sobreviver, se alimentar, continuar sua existência, por fazer parte da cadeia alimentar, já o ser humano não, matamos por simplesmente desejar algo que não nos pertence por merecimento próprio, matamos por que não temos uma consciência humana de que somos seres que precisam viver em paz uns com os outros.

Morremos por que não sabemos estender a mão para o próximo quando o que ele precisa não são de palavras que o façam olhar para o passado errado que tem, mas palavras que mostrem que ainda existem esperanças para fazer o certo: basta apenas tentar.

Tenho orgulho da pessoa resiliente que hoje sou.

Eu aprendi na dor!

Eu me tornei o tipo de pessoa que nunca desejaria que ninguém fosse, pois as pessoas podem passar pelo que for, sentir que é amada e que tem alguém do seu lado que quer muito que você seja feliz, alguém que te acha importante para ela.

Dou graças a Deus por de certa forma ter acabado, a dependência de outrem. Porque a vida segue. Mas o que foi bonito fica com toda a força.

Mesmo que a gente tente apagar com outras coisas bonitas, leves, certos momentos nem mesmo o tempo apaga.

Mas, já não dói mais.

A saudade, sim, é uma dor, sensação que faz os olhos brilharem por alguns segundos, faz um sorriso ou até mesmo uma lágrima escapar. E volta e meia, quando a cabeça insiste em trazer a tona, o que o coração vive tentando deixar para trás.” - Já dizia Caio Fernando Abreu.

A grande polêmica do amor, Ocorrem-me várias dúvidas sobre o que é o amor e do que se trata e de pessoas que querem entender o amor! Não há formas e regras de amar, há apenas valores a seguir. Todos tentam definir amor e as palavras são variadas. E o mais comum é a definição ser uma palavra bonita, confortável, alegre. os que se apaixonam e gostam de quem lhes faz o bem. Mas também é verdade que sem conheceres o que é mau, não podes saber o que é bom, ou melhor. Os pormenores estão nos segredos da vida, tal como os significados das palavras escondem os maiores segredos. O amor trata-se não só de sentir, mas de ser original.

O AMOR QUE FAZ O GIRO VALER A PENA

Perguntei a várias pessoas quais as palavras que achavam não ter nada a ver com a palavra amor, palavras que não cabe na sua barreira de definição e me compromete a mostrar que essas palavras têm o seu lado que encaixa no amor e o tornam diferente, original e não menos bonito. O amor não se conjuga no passado. Ou se ama para sempre ou nunca se amou verdadeiramente.

Costumo dizer isso para o meu amigo “Arnaldo Diniz”.

Quando duas pessoas se amam, elas não se dominam nem se submetem, não mentem, traem, enganam, manipulam, submete, apenas se completam.

Amor é o único jogo no qual dois podem jogar e ambos ganharem.

O amor não faz o mundo girar, o amor é o que faz o giro valer a pena.

O primeiro suspiro de amor sempre é acompanhado pelo último suspiro da razão.

A distância faz ao amor aquilo que o vento faz ao fogo. Apaga o pequeno, mas inflama o grande.

Nunca chore por amor, pois quem realmente merecer suas lágrimas nunca lhe fará chorar!

No silêncio da noite pare e pense, mas pense em alguém que não precisa do silêncio nem da noite para pensar em você.

O amor é de todas as paixões a mais forte, pois ele ataca simultaneamente a cabeça, o coração e o sentido.

Não sei se o mundo é bom, mas acredito que ficar esperando alguém para que ele fique, pode ser ilusão...

Repense! A vida às vezes vira a gente de ponta cabeça e chacoalha até derrubarmos tudo aquilo que carregávamos, e nos tira o que chamávamos de possibilidade. E só quando a gente coloca os pés no chão é que entendemos que possibilidade mesmo não são aquelas coisas que imaginamos que nos pertencem, não é ter embaixo dos braços um punhado de quase certezas. Possibilidade é começar do zero, com as mãos vazias.

Na verdade, é que se você não tiver coragem nada acontece. Se não for em frente, o segundo acaba, o minuto foge e a hora passa.

Leia as entrelinhas, decifre os olhares, entenda as oportunidades. As coisas só acontecem se você tiver a audácia de fazer com que saiam dos sonhos, dos desejos, das vontades. Quem só espera nunca alcança e perde aquele momento mágico que talvez não apareça nunca mais. É muito difícil termos noção do quanto podemos nos abrir e a quem podemos contar o que sentimos.

Por isso é que muitas vezes acabamos vivendo em duplo sentido, abrindo sorrisos enquanto nossos sentimentos encontram-se diminutos, passando noites em claro achando

sozinhos. Na verdade, é, se você não tiver coragem, nada acontece. Se não for em frente, o segundo acaba, o minuto foge e a hora passa.

Leia as entrelinhas, decifre os olhares, entenda as oportunidades. As coisas só acontecem se você tivera audácia de fazer com que saiam dos sonhos, dos desejos, das vontades. Quem só espera nunca alcança e perde aquele momento mágico que talvez não apareça nunca mais. Vivemos tão agitados, tão atarefados ao longo da vida, que quando paramos para pensar sobre nossa existência, levamos um susto. Investir em nossa qualidade de vida vital.

Precisamos saber aproveitar pequenos momentos, dormir, se desfazer do “lixo mental”, pensar, sim, mas pensar de mais esgota, investir em nós, em tempo livre, apreciar a jornada ao lado de quem amamos, ser leal aos verdadeiros valores, ser um “ser humano” no real sentido da palavra, enfim, investir na VIDA. Nós temos certeza de que existe uma maneira mais fácil para uma mulher se tornar inteligente - uma maneira mais fácil de aprender a ser sábia ao lidar com os relacionamentos e não precisar passar por experiências traumáticas que muitas vezes acompanham a aquisição desse conhecimento. Como?

Simplemente ouvindo e assimilando as experiências de outras mulheres.

Sabedoria sem sofrimento, compreensão sem angústia, descobertas sem melodrama.

As mulheres mais inteligentes sabem que não precisam sofrer para se tornarem inteligentes.

Uma mulher inteligente sabe que o seu bem mais valioso é a consciência de si mesma. O ser humano costuma sentir felicidade quando alcança os seus objetivos e sempre que consegue superar os diversos desafios na sua vida cotidiana. Nos casos em que isso não acontece, nutre então um sentimento de frustração que leva à perda da felicidade.

As pessoas que se sentem realizadas e plenas tendem a ser mais serenas e estáveis, uma vez que chegam a um equilíbrio entre as cargas emocionais e as cargas racionais.

Há quem seja da opinião de que a felicidade está relacionada com os bens materiais e com o dinheiro, existem frases como “O dinheiro não traz felicidade, mas ajuda”, na medida em que o dinheiro é o meio necessário para a satisfação das necessidades materiais humanas. Uma vez satisfeitas, a pessoa tende a ir à procura de produtos que lhe proporcionem maior

felicidade.

Já, as religiões e as pessoas com inclinação pelo lado espiritual associam a felicidade a um estado de alma perante o qual o ser humano se sente em paz. Este estado pode ser alcançado através das relações pessoais ou dos laços com os entes querido por exemplo. Eu já cheguei a pensar que não existia nem um tipo de felicidade para mim, nem amor.

Para os filósofos a felicidade é particular para cada ser humano, é uma questão muito

individual. Mesmo que a ideia compartilhada entre a maior parte das pessoas seja que esse conceito é construído com saúde, amor, dinheiro, entre outros itens.

E para você o que é amor, o que é felicidade? A vida não nos ensina a ser fitness, ela nos obriga.

Não tem como parar, confesso que já tentei, já tive dias de ficar prostrada desejando o fim. Mas, não era justo, quando tantas pessoas vivem

Problemas ainda maiores que os meus lutavam. Eu, assim como tentei superar no convento par mostrar que eu podia, como tentei superar a separação e passar até mesmo fome (foram 15 dias comendo só jiló), quando fui obrigada a sair da minha casa super confortável, aconchegante. Eu cheguei a ir em 3 hemocentros diferentes para tentar doar sangue só para ter direito ao lanche, o misto quente, que eu guardava para minha filha. Não me envergonho de dizer isso não. Eu me envergonho de ter confiado em pessoas que me exploraram, usufruíram

do meu melhor, minha boa intenção, me envergonho de criar expectativas em pessoas interesseiras, pobres de espírito.

Mas considero vitoriosa sim. Eu criei sozinha uma garota prodígio que já desfilou nas maiores passarelas do Brasil, com apenas 15 anos teve destaque e deu até aula de passarela.

Nós fomos muito julgadas, mãe solo, criança sem pai, mas, há pessoas que tiveram famílias desastrosas e tiveram famílias exemplares.

Há filhos que seus pais nunca lhe deram amor e são amorosos.

Há crianças que tiveram pais alcoólatras e descuidaram, nunca beberam.

Minha filha nunca teve a dedicação, carinho do pai, nunca teve um padrasto, mas nunca lhe faltou amor. Acredito que ela tem tudo que uma pessoa que cresce com pai e mãe em tempo integral. Ela com certeza teve os melhores avós, a melhor referência de amor, carinho, respeito! Ela vivenciou o amor incondicional dos meus pais. Me orgulho por ter estudado tanto, trabalhando tanto! Posso dizer que em 20 anos longe dos meus pais, só fizeram com que eu os amasse ainda mais! Muitos dizem que abdiquei minha vida para cuidar deles, que me mudei contra minha vontade! Quanto a mudança, sim, só Deus é minha filha sabe o que passamos. Mas, pela felicidade deles, eu faria tudo de novo. Foi os dois melhores anos de minha mãe, minha saudosa MARIA DOS ANJOS!

Os planos de Deus com certeza são justo e certos sim.

Você atingirá o maior degrau quando apresentar as cicatrizes com orgulho, pois você adquiriu ao longo da sua jornada.

Quanto mais fortes forem suas provações, maiores serão suas vitórias.

Pense nisso!

AGRADECIMENTOS

A tantas mulheres da minha vida: minha mãe, filha, prima, minha amiga, vizinha, tia, avó!

Minha eterna gratidão ao Dr Lúcio Dal'Molin, cirurgião facial que fez três cirurgias corretivas na minha face, duas no braço direito. Esse, sim, pegou como desafio, fez por amor ao trabalho e compaixão, que Deus lhe conceda a luz eterna.

Gratidão a Dra Priscila Itimura (gastroenterologista),

Gratidão em especial a Dra. Dandara Rocco, uma mulher magnífica, muito jovem, mas com uma bagagem incrível de experiência, conhecimento, um ser super sensível à dor alheia. Essa, sim, ama com certeza o que faz, incrível que também passou por um trauma muito grande e vive intensamente, tem brilho, amor, empatia no olhar. (Admiração).

Meu imenso agradecimento ao Dr Marcel, um verdadeiro anjo que acompanhou de muito perto o que passamos com minha mãe por um ano enferma. Claro, a Dra Jéssica que nos acolheu na UBS do litoral sem muitos recursos, fez o que pode. Ajudou-nos em plena pandemia, até mesmo quando ela não tinha recursos algum. Sempre atenciosa, extremante profissional. Mesmo com o sistema não ajudando, eles se desdobravam em nos ajudar em plena pandemia. Sei que eles fizeram muito mais do que estava em seu alcance. Claro, gratidão a psicóloga Luciana F. Álvarez, com certeza fez parte dessa sobrevivência pós-trauma do acidente.

Gratidão também a Dra Tatiana Martins, cirurgiã ortodontistas, periodontal que cuidou atenciosamente não só da minha boca, mas da minha face, minha alma com suas palavra de fé, também pós-trauma.

As mulheres, sim, as quais o agradecimentos só não bastam.

Com elas eu aprendi mesmo em meio a dor, magoa, críticas com certeza colaboraram para eu ser quem sou hoje!

E hoje sou uma mulher que busca diariamente inspirar todas as outras que estão ao meu redor.

Essas, ao longo da minha vida, me inspiraram diariamente.

Meus filhos, meus amores, minha vida, meus valores, meus desencantos, e claro, meus enviados por Deus.

Esse trabalho existe por inspiração, de muitos, por atentamente a tantos pedidos e sugestões:

“VOCÊ DEVERIA ESCREVER UM LIVRO”!

Esse é o primeiro!

Penso já em uma futura duologia!

Seguraaaaaaa! (Risos)

E então me dei conta que, se você não for obstinado, você vai desistir de experiência muito cedo. Se você não for flexível, aprender com os erros, você vai bater com a cabeça e não vai ver uma solução diferente para um problema que está tentando resolver, como já dizia Jeff Bezos.

Por um tempo fiquei parada no tempo, na vida, no espaço, no universo, como uma sensação de coma.

Por um tempo aprendi que se não estivermos dispostos a pagar um preço por nossos valores, se não estivermos dispostos a fazer alguns sacrifícios, renúncias, jamais conseguiremos seguir em frente!

Aqui você irá encontrar uma história permeada lutas, um verdadeiro interveio, lampejos, insistência, persistências, teimosia e até mesmo burrice, sim, eu fui muita burra, (risos).

Agradecimento aos meus irmãos, amigos, e leitores.

Fique com aqueles que te fazem sonhar, que te impulsionem a superar-se, que vejam em você a magia que você tem e que te façam bem. Você não depende deles, mas eles influenciam na sua vida.

Lembre-se: o amor é uma linda construção muito inteligente de duas pessoas sábias, que decidem ser amigos, companheiros, cúmplices, camaradas, e bons amantes.

Que apesar dos problemas, se escolhem todas as manhãs para continuar caminhando juntos, fazendo dar certo. (essa sempre foi a mensagem que eu plantei no início das minhas tentativas).

Acredito que existe a mensagem certa para pessoas erradas.

O melhor, ah, como certeza o melhor está por vir!

Aproveite, valorize as boas e seja você também uma boa influência.

Assim sendo,

Bons ventos!

HOMENAGEM

“O amor é paciente, o amor é bondoso. Nem inveja, não se vangloria, não se orgulha. Não maltrata, não procura seus interesses, não se ira facilmente, não guarda rancor. O amor não se alegra com a injustiça, mas se alegra com a verdade. Tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta.”

Mãe, você sempre fez questão de me ensinar isso todos os dias por 19 anos, apesar de todas as maldades e injustiças que passou, apensar de todas são pessoas maldosas que passou em sua vida, apesar de todos os momentos de injustiças e crueldade.

O amor é infinito, perpassa até mesmo essa palavra que não tem fim, cresce dia após dia. Obrigada por ter me ensinado o significado do amor e por me proporcionar os mais poderosos ensinamentos dessa vida. Obrigada por toda dedicação e proteção que teve comigo desde o momento em que cheguei a este mundo.

Obrigada, por ser meu anjo da guarda aqui na terra, e por todo cuidado e preocupação que tem comigo, por abdicar sua vida a mim, por me apoiar e acreditar mais que tudo e todos.

Eu te amo infinitamente, incondicionalmente e eternamente.

Pra sempre, nós!

Com imenso orgulho e carinho, sua filha.

Isabela Gonçalves.



ESPAÇO DO LEITOR

Espaço do leitor!

Para sugestões para a próxima obra, críticas, contato entre em contato:

agape_idem1506@hotmail.com

Pontal do Paraná, julho de 2022.

Falar sobre si mesmo é muito difícil. Escrever sempre me pareceu mais fácil.

Sempre tive o hábito de escrever, mas confesso que uma autobiografia é sem igual! E aqui tem um resumo da minha infância, adolescência, juventude e vida adulta: fases.

São fatos sobre minha vida. A motivação de torná-los públicos com certeza veio da insistência das pessoas sobre eu escrever um livro. Pensei: se contar torna curioso, escrever, então, é ainda mais interessante. Ou não? Com certeza aos olhos do público é, sem dúvida, um mega desafio.

Desafio aceito!

Claro que nada seria possível sem o apoio e incentivo de minha amada FILHA, PAIS, irmãos, amigos, médicos de passagem, médicos amigos, tios (em especial tia Mada, Tia Bernadete, saudosa e inesquecível tia Alice).

E por que não agradecer aos poucos relacionamentos? Não foram como desejava, sonhava, conforme expectativas criadas, mas me ajudaram a ser melhor. Aprendi o que não quero para mim, e que respeito, cumplicidade, fidelidade têm que existir de ambos os lados. Posso não ter tido bons relacionamentos conjugais, mas sempre tive o melhor relacionamento com a VIDA.

As quedas, decepções, de uma forma ou outra, ajudaram-me a crescer e a me tornar uma pessoa melhor, sem dúvida mais forte e resiliente. E creio que uma pessoa especial é aquela que encheu e enche a minha vida de bem e paz. Costumo dizer que Deus tem um grande propósito. Sem a fé, eu nada seria! E essa fé me fez crer que em nossa vida a gente se depara com muitas pessoas especiais, mas muito raramente nos deparamos com pessoas que são únicas, e, quando aparecem, temos que "agarrá-las", pois essas podem, sim, ser a nossa chance única de sentir a felicidade, com plenitude. E comigo sempre foi às vezes paz, e muitas outras vezes confusão... (risos)

Sou sempre eu mesma, mas com certeza não serei a mesma para sempre. Depois de tantos recomeços e quedas, hoje eu tenho a audácia de dizer: "Você pode até me empurrar de um penhasco que eu vou falar: _E daí? Vou cair, mas com certeza novamente eu vou me levantar. Os meus maiores tombos foram meus grandes professores"

Ah, sim, todas as decepções, mágoas, eram/são aliviadas com oração, música, leitura, viagens longas ou pequenas. Amo moto, carro, ônibus, avião... Tudo isso me ajudava e me ajuda a enfrentar o stress, aliviar dor.

E, com muito entusiasmo no coração, termino dizendo:

"Só se vê bem com o coração, o essencial é invisível aos olhos"
(O Pequeno Príncipe, Antoine de Saint-Exupéry)

Assim sendo,
Bons ventos!

Isabela Gonçalves
(organizadora)